

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

AMANDA FARIAS HAMERMÜLLER

**A COR NA TELEVISÃO:**

Uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra

Porto Alegre

2018

**AMANDA FARIAS HAMERMÜLLER**

**A COR NA TELEVISÃO:**

**Uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª Drª Sandra de Fátima Batista de Deus

Porto Alegre

2018

#### CIP - Catalogação na Publicação

Hamermüller, Amanda Farias

A cor na televisão: uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra / Amanda Farias Hamermüller. -- 2018.

90 f.

Orientadora: Sandra de Fátima Batista de Deus.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Representações sociais. 2. Telejornalismo. 3. Rede Globo. 4. Mídia. 5. Racismo. I. de Deus, Sandra de Fátima Batista, orient. II. Título.

AMANDA FARIAS HAMERMÜLLER

**A COR NA TELEVISÃO:**

**Uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra de Fátima Batista de Deus

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra de Fátima Batista de Deus  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thais Helena Furtado  
Examinadora

---

Mestra em Educação Patricia Helena Xavier dos Santos  
Examinadora

*À minha avó, Docelina,  
por ser o doce mais doce  
de minha vida, todos os dias.*

## **AGRADECIMENTOS**

Esta monografia representa trabalho, dedicação, determinação, perseverança e resistência. Porém, ela não existiria se não fosse pelo auxílio de figuras importantes na minha vida.

Primeiramente, agradeço a Deus, pela oportunidade da vida e pelo alento que me fez permanecer forte ao longo de quatro anos.

Aos meus pais, Eliane e Gilsomar, pelas oportunidades que me proporcionaram, pelos valores, pelo apoio e, principalmente, por sempre acreditarem na minha capacidade e me incentivarem a alçar voos cada vez mais altos.

Ao meu companheiro, Bolívar, pela paciência, compreensão e amparo nos momentos de turbulência, além da ajuda em diversos momentos deste processo.

Aos meus padrinhos, em especial Jorge Farias e Deise Soares Farias, pelo suporte e auxílio nesta caminhada.

À família que me acolheu: Adriane, Roberto, Luar e Gabriela, por contribuírem neste processo de maneiras tão especiais.

À minha grande amiga e colega de profissão Thayse Uchoa, pela parceria ao longo da graduação e pela amizade.

Às mulheres que me supervisionaram em minhas primeiras experiências no jornalismo, Édina Rocha, Adriana Melo Langon e Camila Raposo, pelos conhecimentos transmitidos, pela paciência em meu processo de aprendizagem e pelo carinho durante a orientação.

Aos colegas que conheci nesta instituição, pela experiência e troca de saberes.

Às amigas, pela ajuda em diversos momentos e em diversas instâncias, pelos dias de esparecimento e por se orgulharem tanto de mim.

À minha orientadora, Sandra de Deus, pelo carinho e paciência durante a produção desta monografia, pelo conhecimento compartilhado, por ser resistência e representação em um espaço como a FABICO.

Aos professores desta graduação, pelos conhecimentos e experiências compartilhados; em especial aos que, de alguma forma, me fizeram acreditar no meu trabalho: Thais Furtado e Ana Gruzynski, pela parceria na produção da Revista Sextante; Sean Hagen, Flávio Porcello, Luiz Artur Ferraretto, Marcia Benetti, Marcelo

Trasel, e, em especial, Luciana Pellin Mielniczuk (em memória), pela orientação em trabalhos que aprendi tanto e dos quais me orgulho.

Aos servidores e terceirizados da UFRGS que tiveram participação, de alguma forma, na minha graduação.

À Dandara dos Palmares, pela luta em busca da liberdade dos negros no Brasil e todas as mulheres que contribuíram na luta para que hoje eu pudesse ter acesso ao estudo e ao mercado de trabalho.

À população brasileira, que financiou meu estudo nesta instituição. Juro fazer jus a cada centavo investido na minha capacitação em forma de trabalho para a sociedade.

*Não aceito mais as coisas que não posso mudar,  
estou mudando as coisas que não posso aceitar.*

Angela Davis



## RESUMO

Levando em consideração os 130 anos da abolição da escravidão no Brasil, esta monografia visa investigar quantos repórteres e apresentadores negros estão presentes no quadro de profissionais da Rede Globo, comparado ao número de jornalistas não negros, em um período preestabelecido. Fazem parte das delimitações desta pesquisa, ainda, estudar como a televisão colabora no processo de construção e identificação negra; contextualizar, historicamente, a trajetória dos negros no Brasil e o surgimento das barreiras criadas pela cor da pele; compreender como tais barreiras são aplicadas nos dias de hoje; e pesquisar quem é o negro na sociedade brasileira atual. Foi realizada a observação visual da presença de profissionais repórteres e apresentadores negros nos telejornais de âmbito nacional da Rede Globo, em um período de 25 dias. Em consulta a autores que discorrem sobre questões raciais e que tratem de aspectos da relação racismo x mídia, foi produzido um panorama sobre a presença de jornalistas negros na maior emissora de televisão do país. Para dar sentido à relevância social deste estudo, foram apresentadas possíveis soluções que possam melhorar o cenário em que a população negra está inserida. A pesquisa pretende fomentar a reflexão acerca do tema, bem como incentivar outros estudos dentro da temática.

**Palavras-chaves:** Representações sociais. Telejornalismo. Rede Globo. Mídia. Racismo.

## ABSTRACT

Considering the 130 years of the abolition of slavery in Brazil, this monograph intends to investigate how many black reporters and presenters are presents in Rede Globo professionals, compared to the number of non-black journalists in a pre-established period. Part of the delimitations of this research, still, to study how the television collaborate in the process of construction and black identification; To contextualize, historically, the trajectory of blacks in Brazil and how barriers created by the color of the skin appeared; understand how such barriers are applied today; and to research who is the black in the current Brazilian society. A visual observation was made of the presence of professional reporters and black presenters in Globo TV national news broadcasts over a period of 25 days. In consultation with authors who talk about racial issues and deal with aspects of the relationship racism vs. media, a panorama has been produced about the presence of black journalists on the country's largest television station. To give meaning to the social relevance of this study, possible solutions were presented that could improve the scenario in which the black population is inserted. The research aims to encourage reflection on the theme, as well as encourage other studies within the theme.

**Keywords:** Social representations. Telejournalism. Rede Globo. Media. Racism.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Utilização da palmatória .....	20
<b>Figura 2</b> - Lei Áurea .....	23
<b>Figura 3</b> - Fachada do primeiro prédio da TV Globo .....	35
<b>Figura 4</b> - Monalisa Perrone, apresentadora do Hora Um da Notícia.....	39
<b>Figura 5</b> - Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo, apresentadores do Bom Dia Brasil..	40
<b>Figura 6</b> - Sandra Annenberg e Dony de Nuccio, apresentadores do Jornal Hoje ...	41
<b>Figura 7</b> - William Bonner e Renata Vasconcellos na bancada do Jornal Nacional .	42
<b>Figura 8</b> - Jornalista Renata Lo Prete no comando do Jornal da Globo .....	42
<b>Figura 9</b> - Glória Maria na reportagem dos 10 anos do desabamento do Elevado Paulo de Frontin .....	48
<b>Figura 10</b> - Glória Maria entrevistando Michael Jackson e Freddie Mercury .....	49
<b>Figura 11</b> - Glória Maria à frente do Globo Repórter .....	49
<b>Figura 12</b> - Mirella e seus irmão durante o telejornal produzido por eles .....	50
<b>Figura 13</b> - Ari Peixoto .....	66
<b>Figura 14</b> - Ari Peixoto na cobertura da segunda greve da CSN em Volta Redonda/RJ .....	67
<b>Figura 15</b> - Zileide Sila.....	67
<b>Figura 16</b> - Maria Júlia Coutinho.....	68
<b>Figura 17</b> - Comentário racistas direcionados à Maria Júlia Coutinho.....	69
<b>Figura 18</b> - Cláudia Bomtempo .....	69
<b>Figura 19</b> - Dulcinéia Novaes .....	70
<b>Figura 20</b> - Rúbia de Oliveira.....	71
<b>Figura 21</b> - Denise Soares.....	71
<b>Figura 22</b> - Abel Neto .....	72
<b>Figura 23</b> - Fred Ferreira .....	73
<b>Figura 24</b> - Ana Paula Santos.....	74
<b>Figura 25</b> - Hemerson Sodré .....	74
<b>Figura 26</b> - Bruno Grubertt.....	75
<b>Figura 27</b> - Heraldo Pereira na bancada do Jornal Nacional .....	78

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Dia 01</b> .....	52
<b>Quadro 2 - Dia 02</b> .....	52
<b>Quadro 3 - Dia 03</b> .....	53
<b>Quadro 4 - Dia 04</b> .....	53
<b>Quadro 5 - Dia 05</b> .....	54
<b>Quadro 6 - Dia 06</b> .....	54
<b>Quadro 7 - Dia 07</b> .....	55
<b>Quadro 8 - Dia 08</b> .....	55
<b>Quadro 9 - Dia 09</b> .....	56
<b>Quadro 10 - Dia 10</b> .....	56
<b>Quadro 11 - Dia 11</b> .....	57
<b>Quadro 12 - Dia 12</b> .....	57
<b>Quadro 13 - Dia 13</b> .....	58
<b>Quadro 14 - Dia 14</b> .....	58
<b>Quadro 15 - Dia 15</b> .....	59
<b>Quadro 16 - Dia 16</b> .....	59
<b>Quadro 17 - Dia 17</b> .....	60
<b>Quadro 18 - Dia 18</b> .....	61
<b>Quadro 19 - Dia 19</b> .....	61
<b>Quadro 20 - Dia 20</b> .....	61
<b>Quadro 21 - Dia 21</b> .....	62
<b>Quadro 22 - Dia 22</b> .....	63
<b>Quadro 23 - Dia 23</b> .....	63
<b>Quadro 24 - Dia 24</b> .....	64
<b>Quadro 25 - Dia 25</b> .....	64

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Gráfico de rendimento mensal no trabalho principal da população ocupada de 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor/raça .....	32
<b>Gráfico 2</b> - Representação do número de jornalistas negros e não negros observados durante o mês de abril .....	65

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 NEGRITUDE NO BRASIL: UM HISTÓRICO DE OPRESSÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Linha do tempo da escravidão.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 Herança escravocrata: racismo à brasileira e mito da democracia racial</b>	<b>26</b>
<i>2.2.1 O que é democracia racial e quais fatores evidenciam sua inexistência ...</i>	<i>27</i>
<b>2.3 Dupla opressão: aspectos de raça e gênero .....</b>	<b>31</b>
<b>3 REDE GLOBO: O IMPÉRIO DA TELEVISÃO .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 Telejornalismo.....</b>	<b>37</b>
<i>3.1.1 Hora Um da Notícia .....</i>	<i>38</i>
<i>3.1.2 Bom Dia Brasil .....</i>	<i>39</i>
<i>3.1.3 Jornal Hoje.....</i>	<i>40</i>
<i>3.1.4 Jornal Nacional .....</i>	<i>41</i>
<i>3.1.5 Jornal da Globo.....</i>	<i>42</i>
<b>4 ESPELHO “DO REAL”: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA .....</b>	<b>44</b>
<b>4.1 Representatividade importa .....</b>	<b>46</b>
<i>4.1.1 Glória Maria e a pequena repórter Mirella .....</i>	<i>47</i>
<b>5 A COR NA TELEVISÃO: OS JORNALISTAS NEGROS NA REDE GLOBO .....</b>	<b>51</b>
<b>5.1 Levantamento de dados .....</b>	<b>51</b>
<b>5.2 Sobre os profissionais negros.....</b>	<b>66</b>
<i>5.2.1 Ari Peixoto .....</i>	<i>66</i>
<i>5.2.2 Zileide Silva .....</i>	<i>67</i>
<i>5.2.3 Maria Júlia Coutinho .....</i>	<i>68</i>
<i>5.2.4 Cláudia Bomtempo .....</i>	<i>69</i>
<i>5.2.5 Dulcineia Novaes.....</i>	<i>70</i>
<i>5.2.6 Rúbia Oliveira .....</i>	<i>70</i>
<i>5.2.7 Denise Soares .....</i>	<i>71</i>
<i>5.2.8 Abel Neto.....</i>	<i>71</i>
<i>5.2.9 Fred Ferreira.....</i>	<i>72</i>
<i>5.2.10 Ana Paula Santos .....</i>	<i>73</i>
<i>5.2.11 Hemerson Sodré.....</i>	<i>74</i>
<i>5.2.12 Bruno Grubertt.....</i>	<i>75</i>

<b>5.3 A bancada dos telejornais na história.....</b>	<b>75</b>
5.3.1 <i>Hora Um da Notícia</i> .....	75
5.3.2 <i>Bom Dia Brasil</i> .....	76
5.3.3 <i>Jornal Hoje</i> .....	76
5.3.4 <i>Jornal Nacional</i> .....	77
5.3.5 <i>Jornal da Globo</i> .....	78
<b>5.4 Para que jornalistas negros? .....</b>	<b>79</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Após 130 anos da abolição da escravidão no Brasil, ainda se faz necessário estudar, compreender e expor o mito da democracia racial no país. Para as delimitações desta pesquisa, é preciso compreender desde o começo que a identificação e a construção da forma como nos olhamos se dá através do espelho, ou seja, os indivíduos são reflexos do que veem. Em um mundo em que as imagens são determinantes em diversos âmbitos da vida e o espelho moderno é a televisão, portanto, a representatividade é necessária para o reconhecimento da identidade e do valor de um determinado grupo. Em um país em que cerca 54,9%<sup>1</sup> da população é negra – incluem-se pretos e pardos –, a televisão diz muito sobre as possibilidades de ascensão dessa população.

No Brasil, destaco a Rede Globo, considerada a maior emissora de televisão do país<sup>2</sup>. A popularização dessa emissora, no sentido de grande audiência, revela quem são os telespectadores e faz com que seja questionado se estes estão sendo representados, ou seja, estão sendo refletidos nesse espelho moderno.

Com o racismo enraizado na sociedade brasileira, muitas pessoas ainda acreditam em papéis “naturais”, que devem ser desempenhados por determinados indivíduos. Tal situação, associada a pouca representatividade, reforça a antiga ideia de que os negros foram preparados apenas para trabalhos servis, além de transformar a cor da pele em uma barreira de acesso ao estudo e ao ingresso no mercado de trabalho.

Mesmo assim, um novo fenômeno, incentivado pelo movimento negro, está marcando o momento atual. Depois de muito tempo sendo inferiorizada apenas pela cor da sua pele, vivemos tempos em que, apesar da herança escravocrata negativa, a população negra tem se imposto e ocupado espaços que antes “não lhe pertenciam”. Tal modernização influencia diretamente os jovens a participarem do movimento e se sentirem aceitos em todos os lugares que queiram se inserir.

Em decorrência do contexto acima apresentado, esta pesquisa se faz necessária para responder ao questionamento de quantos repórteres e apresentadores negros estão presentes no quadro de profissionais da Rede Globo,

---

<sup>1</sup> Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2016, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número inclui a porcentagem de negros e pardos.

<sup>2</sup> A Rede Globo é a maior rede de televisão aberta do Brasil em número total de emissoras próprias e afiliadas, em faturamento e em números de audiência.



comparado ao número de jornalistas não negros, em um período preestabelecido. Também investiga como a televisão, em especial a maior emissora do país em audiência, colabora no processo de construção da identidade negra, estudando a interferência do meio, sobretudo o telejornalismo, na característica de espelho moderno e compreender a importância social da representatividade na televisão.

Além disso, a presente pesquisa busca contextualizar, historicamente, a trajetória dos negros no Brasil, bem como estudar o surgimento das barreiras criadas pela cor da pele, compreender como tais barreiras são aplicadas nos dias de hoje e pesquisar quem é o negro na sociedade brasileira atual.

Mesmo a população brasileira sendo composta por aproximadamente 97 milhões de negros e que estes estejam acessando lugares novos para esse grupo, a mídia ainda não é plural o suficiente. A comunicação, e nela destacam-se os veículos de notícias, precisa abrir espaço para novos rostos, estilos e, principalmente, discussões que tragam a desconstrução de preconceitos, neste caso, o racial.

No telejornalismo, a presença de negros, além de ser uma inspiração profissional positiva, no que diz respeito à representatividade, mostra que a pessoa negra não existe apenas para exercer personagens de divertimento. Não incluir ou designar espaços pré-determinados à população negra é uma problemática grave, pois, tendo a televisão um relevante papel junto à população, como formadora de opinião e fonte de informações, acaba reforçando relações de dominação ou exclusão, resultando em uma relação de opressão, onde uma minoria – no sentido de grupo oprimido – é apresentada com uma conotação negativa.

Na academia, a análise de onde estão os negros na sociedade se faz necessária, tanto pela importância da temática, que pode trazer uma mudança efetiva no racismo enraizado, quanto para instigar a presença da população negra em outros espaços, gerando mais pesquisas sobre o tema e devolvendo para sociedade resultados que revelam uma realidade de exclusão assustadora e que precisa ser modificada.

Como mulher negra e futura jornalista e pesquisadora, trazer para o meio acadêmico pautas que me atingirão diretamente no mercado de trabalho ajudam a dar visibilidade a um problema enraizado no meio social em que vivemos, além de abrir portas para que as próximas gerações tenham pulso firme para ocupar seus espaços e tragam cada vez mais essa temática para as pesquisas científicas.

Em consulta a autores que discorrem sobre questões raciais e que tratam de aspectos da relação racismo x mídia, foi produzido um panorama sobre a presença de jornalistas negros na maior emissora de televisão do país. Posteriormente, foi realizada a observação visual da presença de profissionais repórteres e apresentadores negros nos telejornais de âmbito nacional da Rede Globo, em um período de 25 dias, com o objetivo de se fazer um comparativo ao número de jornalistas não negros.

Por fim, para dar sentido à relevância social deste estudo, foram apresentadas possíveis soluções que possam melhorar o cenário em que a população negra está inserida.

## 2 NEGRITUDE NO BRASIL: UM HISTÓRICO DE OPRESSÃO

Estima-se que, ao longo de quase quatro séculos, mais de 10 milhões de africanos tenham sido trazidos para a América, escravizados. Desses, em torno de 4 milhões vieram para o Brasil. O tráfico ocorrido entre África-América foi o maior deslocamento oceânico forçado de pessoas ocorrido na história (ELTIS, 2007). Ainda de acordo com Eltis (2007), entre os escravizados que tinham como destino o Brasil, 775 mil eram crianças. Estudo publicado no *Journal of Economic History* pelos pesquisadores David Richardson, da Universidade britânica de Hull, e Simon Hogerzeil, do Centro Psicomédico Parnassia holandês, indicou que, dentro da realidade de tráfico de pessoas escravizadas, o índice de resistência à travessia era menor entre crianças do que entre os adultos.

Sobre os primeiros escravizados negros que chegaram ao Brasil, de acordo com o banco de dados *Voyages*<sup>3</sup>, 1560 foi o ano de início do tráfico de pessoas contínuo para o Brasil, enquanto 1850 está catalogado como o ano da abolição do tráfico no país, porém, não ainda da escravidão. Em 1866 é realizada a última viagem negreira transatlântica documentada que chegou ao continente americano; vale destacar que, neste ano, já haviam sido promulgadas as Leis Feijó (1831), que declarava livres os escravizados que entrassem no país a partir da data de sua promulgação e Eusébio de Queirós (1850), que proibia o tráfico negreiro intercontinental.

Os escravizados eram trazidos pelas tropas estrangeiras, oriundas da Europa Ocidental, que pretendiam fazer com que essas pessoas servissem os donos das grandes fazendas, que precisavam de um grande número de mão de obra nas lavouras, mas não podiam escravizar os índios, por diversos fatores. “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade” (DAVIS, 1944, p.17).

Para favorecer os fazendeiros, o governo brasileiro permitiu o comércio de negros, que eram capturados na África, trazidos em grandes embarcações — os navios negreiros — e vendidos no Brasil. As viagens duravam entre dois e quatro meses. Os africanos vinham deitados nos porões dos navios, sobre dejetos e nem sempre havia água e comida para todos. Tais condições levavam muitos

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://slavevoyages.org/>. Acesso em 01 maio 2018.

escravizados à morte antes da chegada em terra firme — estima-se que o número chegue a 2,5 milhões de mortos.

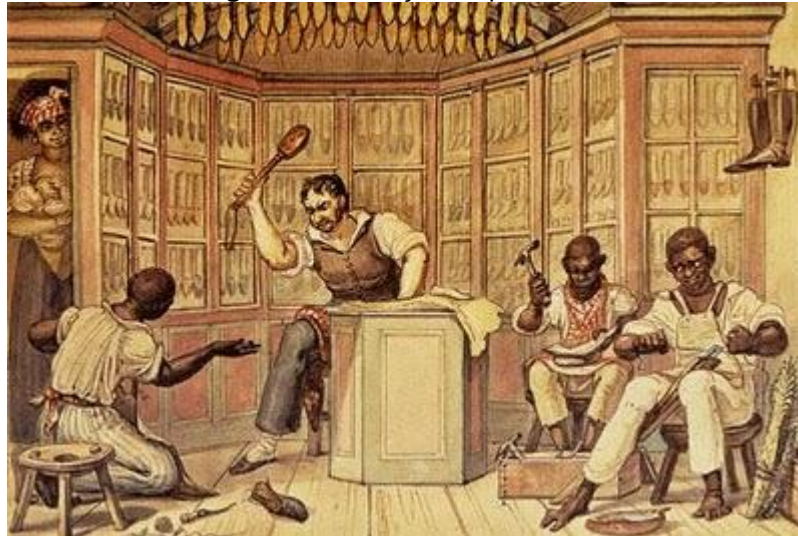
A roda sul moldou o enorme tráfico para o Brasil, que durante três séculos foi quase exclusivo dos maiores traficantes de escravos de todos, os portugueses. Apesar de arvorarem a bandeira portuguesa, os traficantes de escravos que navegavam pela roda sul administravam seus negócios em portos brasileiros, e não em Portugal. Os ventos e as correntes asseguraram, portanto, duas grandes rotas de escravos — a primeira com raízes na Europa, e a segunda no Brasil. Os ventos e as correntes também determinaram que os africanos transportados para o Brasil viessem predominantemente de Angola. (ELTIS, 2007, *online*)

De acordo com Garais (2012), os que sobreviviam à viagem, ao chegar ao Brasil, eram separados do seu grupo linguístico e cultural africano e misturados com outros de tribos diferentes, para que não houvesse comunicação entre eles.

Já nas fazendas, os escravizados realizavam trabalhos forçados, sob pena de castigos violentos, como açoites, realizados publicamente (sob os olhares de grande multidão) nos pelourinhos — colunas de pedras erguidas em praças públicas, com pontas de ferro onde se prendiam os escravizados. Entre os métodos de punição, muitas vezes aplicados apenas para satisfazer o desejo de dominação dos senhores, ainda estavam a utilização da palmatória nas palmas das mãos, que provocavam grandes ferimentos, cortes no corpo feitos com navalha e depois aplicado salmoura, marcas de ferro em brasa, mutilações, estupros das mulheres negras, castração e fraturas dos dentes a marteladas. Ou seja, vivam em condições desumanas, sem nenhum direito, convivendo com a violência e a humilhação diariamente.

Antes de romper o sol, os negros eram despertados através das badaladas de um sino e formados em fila no terreiro para serem contados pelo feitor e seus ajudantes. [...] Eram encaminhados pelo feitor para os penosos labor nas roças, e às 8 horas da manhã o almoço era trazido por um dos camaradas do sítio em um grande balaio que continha a panela de feijão que era cozido com gordura e misturado com farinha de mandioca, o angu esparramado em largas folhas de bananeiras, abóbora moranga, couve rasgada e raramente um pedaço de carne de porco fresca ou salgada que era colocada no chão, onde os negros acoravam-se para encher as suas cuias e iam comer em silêncio. (GARAEIS, 2012, *online*)

**Figura 1 - Utilização da palmatória**



Fonte: prancha 29, denominada “Sapateiro”, do francês Jean-Baptiste Debret, na obra “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil” (1979)

Tal realidade encontrava amparo nas justificativas da população branca, minoria, porém classe dominante na sociedade brasileira, através de ideias religiosas, que confirmavam sua superioridade e os seus privilégios.

Além da vantagem de ter a mão de obra necessária para o trabalho, os escravizados ainda exprimiam outra utilidade: eram mercadorias. Podiam ser vendidos, alugados, doados e leiloados. Além disso, os escravizados representavam o poder e o prestígio dos fazendeiros, cuja riqueza e relevância social era medida pelo número de escravizados que possuíam, tal qual acontece hoje com os pecuaristas e seu gado. Com isso, o tráfico de pessoas negras entre a África e o Brasil tornou-se um negócio muito lucrativo. Nem mesmo após a independência, em 1822, o tráfico foi abalado.

Cerca de 61 mil africanos foram desembarcados no Brasil em 1826, um aumento de 41%. Três anos depois veria um pico de todos os tempos na história do tráfico de escravos para o país, com o desembarque de quase 73.000 africanos. O ano de 1829, de fato, viu o maior número de embarcações de escravos na história do tráfico transatlântico de escravos: estimativas apontam para 117.644 indivíduos transportados em navios escravos para fora da África. O outro destino principal além do Brasil foi Cuba, que recebeu quase 20.000 cativos naquele ano. (MARQUES, 2013, p.174)

Os escravizados não eram passivos. Fugas e resistências estiveram presentes durante o todo o período da escravidão. “Por mais humilhante e opressor que tenha sido o regime de escravidão, ele não conseguiu roubar a humanidade

dessas pessoas” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 70). Para abrigar quem conseguia escapar, surgiram quilombos, locais de refúgio criados pelos escravizados que buscavam reconstruir as formas tradicionais de política, sociedade e cultura de suas terras natais. O mais conhecido foi o Quilombo de Palmares, localizado no interior de onde hoje se encontra o estado de Alagoas, na Serra da Barriga. Segundo Munanga & Gomes (2006), a comunidade chegou a 30 mil aquilombados. Atualmente, o local abriga um parque histórico, tombado como patrimônio. Este agrupamento se tornou famoso por resistir durante longo período aos ataques e emboscadas de expedições militares e também pela sua organização político-social, liderada por Zumbi dos Palmares, ícone da luta contra a escravidão, e Dandara dos Palmares, sua esposa, que também lutou pela libertação das negras e negros no Brasil.

## 2.1 Linha do tempo da escravidão

A escravidão vigorou durante mais da metade da história do Brasil. Para tanto, faz-se necessária a elucidação de como foi a vida dos sujeitos negros no Brasil<sup>4</sup>.

- **1454:** O Papa Nicolau V dá aos portugueses a “plena e livre permissão de invadir, buscar, capturar e subjugar os sarracenos e pagãos e quaisquer outros incrédulos e inimigos de Cristo”, onde se incluíam negros e outros grupos étnicos com culturas religiosas diferentes.
- **1560:** Início do tráfico de pessoas contínuo para o Brasil.
- **1630:** Provável data da formação do Quilombo dos Palmares.
- **1694:** O Quilombo de Palmares é invadido e destruído. Seu líder, Zumbi, foge.
- **1695:** Morte de Zumbi dos Palmares. As forças comandadas pelo bandeirante Domingos Jorge Velho capturaram e decapitaram Zumbi.

---

<sup>4</sup> A informações que seguem foram compiladas a partir de informações da autora e das obras “O abolicionismo”, de Joaquim Nabuco; “Lei dos Sexagenários completa 130 anos”, de Joseana Paganine em Senado Notícias; Jornal do Senado, edição comemorativa dos 120 anos da Lei Áurea; “Câmara de Curitiba marcava a ferro escravos fugidos”, de Rogério Galindo em Gazeta do Povo; e “História da Escravidão Negra no Brasil”, de Victor Hugo Garais.

- **1741:** Alvará em forma de lei de D. João V determina que os escravizados fugitivos seriam marcados na pele com a letra “F”, carimbada com ferro quente.
- **1831 — Promulgação da Lei Feijó:** primeira lei em consonância com a abolição, proibiu a importação de escravizados para o Brasil. Ainda afirmava que todos os escravizados que entrassem no território a partir daquela data eram livres e que o comandante das embarcações detidas e compradores seriam considerados culpados. Porém, a lei nunca funcionou, o que levou ao surgimento da expressão “lei para inglês ver”, uma vez que levantamentos históricos indicam que a lei foi criada para atender as exigências de autoridades inglesas, mas não teve muitos efeitos no começo.
- **1833:** fundado o Jornal “O Homem de cor”, por Paula Brito, primeiro jornal brasileiro a lutar pelos direitos do negro.
- **1850 — Promulgação da Lei Eusébio de Queirós:** proibiu o tráfico intercontinental de pessoas escravizadas. Como já exemplificado, a lei não teve resultados imediatos, ao contrário, o tráfico ilegal cresceu em um primeiro momento e, posteriormente aumentou no âmbito interno. A partir da década de 1870 que, em virtude do aumento da fiscalização, a escravidão no Brasil entrou em declínio, ao mesmo tempo em que cresciam as pressões internacionais, já que esta era a única nação americana a manter a escravidão.
- **1854:** Decreto proíbe o negro de aprender a ler e escrever.
- **1869:** Proibidas a venda de escravizados debaixo de pregão e com exposição pública. A lei ainda proibiu a venda de casais separados e de pais e filhos.
- **1871 — Promulgação da Lei Rio Branco:** conhecida como Lei do Ventre Livre, concedeu a liberdade para os filhos de mulheres escravizadas nascidos após a data da lei, a partir dos 8 anos.
- **1885 — Promulgação da Lei Saraiva-Cotegipe:** conhecida como Lei dos Sexagenários, tornou livres os escravizados com mais de 60 anos. A lei beneficiou poucos negros, já que era difícil que chegassem a essa idade, em virtude das condições de vida que levavam. Assim, a lei acabou por ir de encontro aos interesses dos fazendeiros, que podiam livrar-se de escravizados pouco produtivos. Vale considerar que a lei apresentava um artigo que, como forma de indenização pela alforria, determinava que os

contemplados pela lei deveriam trabalhar em regime escravocrata por mais três anos.

- **1888 — Lei Áurea:** determinava a liberdade a todos os escravizados a partir daquela data.

Figura 2 - Lei Áurea



Fonte: O Globo (2015)

A partir desta data, milhares de negros ficaram sem destino de uma hora para outra. Não houve, por parte do Império, qualquer medida de integração da população negra à sociedade da época, fazendo com que essa parcela fosse apresentada a uma dura realidade marcada por fatores como a pobreza, a falta de instrução, o preconceito racial e a invisibilidade social.

Maringoni (2011) conta que, após a Lei Áurea, passou a ser incentivada a entrada de trabalhadores imigrantes europeus para trabalhar nas fazendas, criando uma dinâmica burguesa, mudando as características do mercado.

Para essa economia, o negro cativo era uma peça obsoleta. Além de seu preço ter aumentado após o fim do tráfico, em 1850, o trabalho forçado mostrava-se mais caro que o assalariado. (MARINGONI, 2011, p.3)



Outro fator determinante para o incentivo à imigração europeia foi a tentativa de “embranquecimento”. Além disso, a chegada dos trabalhadores assalariados e a falta de suporte para a população negra foi uma estratégia para isolá-la. A partir daquele momento, os negros disputavam os mesmos postos de trabalho. Porém, o imigrante levava vantagem, pelo racismo e pela crença que o trabalhador branco europeu era “melhor” e “menos preguiçoso” do que o negro.

- **1900:** Miguel do Carmo é o primeiro negro a atuar em um time do futebol nacional, escalado pela Ponte Preta.
- **1929:** Surge o jornal Quilombo, na cidade do Rio de Janeiro.
- **1931:** Surge a Frente Negra Brasileira (FNB), organização que pretendia transformar-se em partido político. Chegou a reunir mais de 100 mil pessoas em todo o país, porém, no Estado Novo, é colocada na ilegalidade.
- **1934:** Conquista do direito ao voto. Juntamente com as mulheres, os negros ganham o direito ao voto após muitos anos da abolição.
- **1935:** Surge, no Rio de Janeiro, O Movimento Brasileiro Contra o Preconceito Racial.
- **1935:** A educadora e jornalista Antonieta de Barros se torna a primeira mulher negra eleita para uma Assembleia Legislativa. Ocupa vaga em Santa Catarina.
- **1936:** Laudelina de Campos Mello funda na cidade de Santos a primeira Associação de Empregadas Domésticas no Brasil.
- **1938:** É organizada em São Paulo a União Nacional dos Homens de Cor.
- **1940:** Ruth de Souza é a primeira negra a atuar no palco do Teatro Municipal do Rio.
- **1950 — Lei Afonso Arinos/RJ:** tida como a primeira lei contra o racismo, condena a discriminação de raça, cor e religião. A eficácia desta lei, porém, permanece sob questão, pois quando o autor morreu, em 1990, não havia nenhum registro de prisão realizada com base nela.
- **1960:** Lançamento de Quarto de despejo: Diário de uma favelada, escrito por Carolina Maria de Jesus. Diário da autora em que ela narra o seu dia a dia nas comunidades pobres da cidade de São Paulo. Em seu relato, ela descreve a dor, o sofrimento, a fome e as angústias dos favelados. Seu texto é considerado um dos marcos da escrita feminina no Brasil.

- **1969:** O governo Médici proíbe a publicação de notícias sobre movimento negro e a discriminação racial.
- **1969:** O ator Zózimo Bulbul é o primeiro negro a protagonizar uma telenovela e também o primeiro negro a ser modelo de uma grife.
- **1970:** Luana de Noailles é primeira modelo brasileira negra a fazer carreira internacional.
- **1979:** O quesito cor é incluído no recenseamento do IBGE.
- **1984:** Adélia Sampaio é a primeira cineasta negra a dirigir um longa-metragem no Brasil.
- **1986:** A gaúcha Deise Nunes de Souza é a primeira mulher negra coroada Miss Brasil.
- **1988:** Comunidades remanescentes de quilombos ganham direito à propriedade a partir da nova Constituição Federal.
- **1989 — Lei Caó:** define como crime o ato de praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Também regulamentou o trecho da Constituição Federal que torna inafiançável e imprescritível o crime de racismo.
- **1996:** Taís Araújo é a primeira mulher negra a protagonizar uma telenovela brasileira.
- **2002 — Cotas na Universidade:** UERJ se torna pioneira, sendo primeira universidade do país a criar um sistema de cotas em vestibulares para cursos de graduação. 10 anos depois o STF determina a política constitucional e ela se torna lei para instituições federais. Em 2017, o mesmo ocorre nos concursos públicos. A ação entrou em vigor no governo de Dilma Rousseff.
- **2003 — Lei do Ensino da história e cultura Afro-Brasileira:** propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Destaca a importância de se levar em consideração o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura e as religiões de matrizes africanas. A lei também incluiu o dia 20 de novembro como o dia da consciência negra no calendário escolar.
- **2010 — Estatuto da Igualdade Racial:** formado por um conjunto de medidas que visam a promoção da igualdade racial, tem o objetivo de legislar e orientar medidas afirmativas, criar secretarias específicas e medidas para

equidade racial em diversas áreas como saúde, educação, trabalho, liberdade religiosa.

- **2012:** O ministro Joaquim Barbosa toma posse na presidência do Supremo Tribunal Federal, sendo o primeiro negro a ocupar o posto.
- **2017:** Brasileiro é primeiro negro aceito na elite da guarda da Presidência da Itália.
- **2018:** Joyce Ribeiro é a primeira mulher negra a assumir sozinha um jornal diário em horário nobre.

## **2.2 Herança escravocrata: racismo à brasileira e mito da democracia racial**

É necessário muito tempo para que um povo submetido a uma realidade tão cruel se reerga. Para que essas pessoas sejam inseridas na sociedade, tanto economicamente, como culturalmente e politicamente é essencial que o Estado cumpra seu papel de garantir direitos básicos. Porém, no Brasil, não foi isso que aconteceu. A abolição da escravatura não colocou fim no racismo, pelo contrário, ela manteve aberta uma fenda que dá margem a uma construção subjetiva de hierarquização dos indivíduos. “[...] a abolição da escravatura não extinguiu a opressão econômica sobre a população negra, que, portanto, necessitava particular e urgentemente de poder político” (DAVIS, 1944, p.81).

A população negra foi abandonada à própria sorte, vivendo em favelas, nas ruas, roubando e prostituindo-se para sobreviver em uma sociedade que os excluía das relações de produção e consumo.

Morro da Favela (atual Providência), em 1927. Após a Lei Áurea, os negros libertos foram buscar moradia em regiões precárias e afastadas dos bairros centrais das cidades. Uma grande reforma urbana no Rio de Janeiro, em 1904, expulsou as populações pobres para os morros. (MARINGONI, 2011, p.1)

É o que chamamos de racismo institucional. Lélia Gonzales (1982) destaca que desde a época colonial existe o que ela classifica como divisão racial de espaço, onde os espaços são bem demarcados entre dominadores e dominados.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento [...]. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos habitacionais. (GONZALES, 1982, p. 15)

Ou seja, a hierarquização e exclusão da população negra ocorreram — e ainda ocorrem — de forma estrutural. Hall (2003, p. 191) pontua que “as categorias raciais e étnicas continuam a ser hoje as formas pelas quais as estruturas de dominação e exploração são ‘vivas’”. Basta prestarmos um pouco mais de atenção nas posições sociais em que se encontram os negros: a maioria está em condições de subordinados.

A raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social. Em outras palavras, a raça se relaciona fundamentalmente com um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social. (HASENBALG, 1982, p. 89)

Hoje, em 2018, ainda presenciamos negros acessando pela primeira vez espaços e postos ocupados por pessoas brancas há anos e sendo minoria nas elites, denunciando o mito da democracia racial. Se olharmos ao nosso redor durante cinco minutos, perceberemos que a população negra — e aqui se incluem as diversas tonalidades da cor, até mesmo os mestiços — se encontra, em sua maioria, em condições que reafirmam a desigualdade econômica e social.

### *2.2.1 O que é democracia racial e quais fatores evidenciam sua inexistência*

Democracia racial é um conceito que foi utilizado pela primeira vez pelo sociólogo Gilberto Freyre, na obra “Casa-Grande & Senzala”, publicado em 1933. De acordo com o autor, diversos fatores como a libertação dos escravizados e os benefícios (considerados por ele mesmo) do imperialismo português impediu que surgissem relações fortes de preconceito racial. Freyre trouxe a concepção de miscigenação, que se tornou motivo de orgulho para o Brasil, que, diferente dos Estados Unidos, por exemplo, não enfrentava segregações raciais violentas.

A verdade é que a segregação racial está presente de forma enraizada na sociedade, o que a torna sutil e traz a ilusão de que não existe racismo. Isto também se dá pelo senso comum que considera racismo apenas as ofensas explícitas, como, por exemplo, chamar de *macaco*, *carvão* ou *sujo*.

Vários fatores evidenciam a segregação sutil que ocorre na sociedade brasileira. No ano de 2017, no Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) alertou sobre os indicadores sociais negativos da população negra brasileira, mostrando que esta ainda é a mais afetada por desigualdades e violência no Brasil. A começar pelo quesito renda, o estudo mostra que entre os 10% da população mais pobre do país, 76% são negros; entre o 1% mais rico, apenas 17,4% são negros. Outro indicador é o de violência: um homem negro tem oito vezes mais chances de ser vítima de homicídio no Brasil do que um homem branco. A informação é do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O Mapa da Violência de 2016, estudo desenvolvido pelo IPEA em conjunto com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) demonstram que, de 2003 a 2014, o número de homicídios de pessoas brancas por armas de fogo caiu 26,1%, enquanto o de pessoas negras aumentou 46,9%.

Além da herança do passado colonial e escravocrata, outros fatores podem ser mencionados na tentativa de explicar essa crescente seletividade racial da violência homicida. Em primeiro lugar, a progressiva privatização do aparelho de segurança. [...] quem tem condições econômicas, paga um serviço privado. [...] Em teoria, os setores e áreas mais abastados, geralmente brancos, têm uma dupla segurança: a pública e a privada; enquanto as menos abastadas, a das periferias, predominantemente negros, têm de se contentar com o mínimo de segurança que o Estado oferece. Um segundo fator adiciona-se e complementa o anterior: a segurança, a saúde, a educação, etc., áreas que formam parte do jogo político-eleitoral e da disputa partidária. As ações e a cobertura da segurança pública distribuem-se de forma inteiramente desigual nas diversas áreas geográficas, priorizando espaços segundo sua visibilidade política, seu impacto na opinião pública e, principalmente, na mídia, que reage de forma bem diferenciada de acordo com o status social e econômico das vítimas. (WAISELFSZ, 2016, p.72)

Já na educação, enquanto 22,2% da população branca têm 12 anos de estudos ou mais, a taxa é de 9,4% para a população negra. O índice de analfabetismo para a população negra é de 11,8% — maior que a média de toda população brasileira (8,7%). Quanto à presença na escola, 70,7% dos adolescentes

brancos entre 15 e 17 anos estão no ensino médio; entre os negros o número cai para 52.9%.

No ensino superior, a presença de negros deu um salto entre 2005 e 2015, em virtude da implementação de ações afirmativas, como as cotas raciais e sociais. No primeiro período, os negros contabilizavam um total de 5,5%. Já em 2015, o número cresceu para 12,8%.

O IBGE aponta que, dos jovens entre 15 e 29 anos que não estudavam nem trabalhavam, 62,9% eram negros e negras. A maternidade precoce é um dos fatores que levam meninas a essa condição: do total de meninas de 15 a 19 anos sem estudo e sem trabalho, 59,7% têm pelo menos um filho sendo que, dessas, 69% são negras.

Como já mencionado, após a abolição, os negros não eram contratados para trabalhar de forma assalariada. Sem perspectivas de emprego, alguns continuaram servindo seus antigos “donos”, sem remuneração ou recebendo muito pouco. Este fator influenciou diretamente a dificuldade de ascensão profissional da população negra nos dias de hoje, apenas atualizando a discriminação racial de acordo com a realidade atual. O indicador disto é o baixo número de negros atuando como juristas, professores universitários, médicos e outras posições sociais de status relevante. Na verdade, a maior parte da população negra ocupa postos de trabalhos serviços — normalmente informais, onde a taxa de presença de negros também é maior —, remetendo ao papel destinado a esta parcela durante os duros anos de escravidão. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo IBGE, revelou que no final de 2016 a taxa de desemprego entre os negros somavam 28,5%, enquanto entre os brancos representavam 9,5%. A média nacional foi de 12%. O levantamento também indicou que os trabalhadores brasileiros que estão empregados recebem em média R\$ 2.043; o rendimento dos brancos é de R\$ 2.660 e o de negros é R\$ 1.470, demonstrando que o ganho dos brancos está acima da média nacional enquanto o de negros está abaixo.

No âmbito da política, segundo levantamento realizado pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a bancada dos deputados federais é composta por 71% de homens brancos; 15% se declararam pardos e apenas 3,5%, pretos.

Um fator extremamente relevante na relação entre abolição e a realidade atual de vida da população negra é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Esta medida comparativa estabelece números sobre expectativa de vida, escolaridade e renda por pessoa, classificando os países em desenvolvidos ou em desenvolvimento. No Brasil, apenas no ano de 2010 a população negra alcançou o mesmo patamar de vida que brancos já possuíam em 2000. No relatório divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), pelo IPEA e pela Fundação João Pinheiro (FJP), em 2010 o IDH de negros era de 0,679 e de brancos, 0,777. Para obtermos um olhar mais amplo sobre este fator, um levantamento realizado nos Estados Unidos sobre o IDH dos estados mostrou que as regiões escravistas — ou seja, os últimos estados a abolirem a escravidão antes da Guerra Civil —, localizadas em sua maioria ao sul do país, hoje apresentam os índices de desenvolvimento mais baixos da nação.

Tais fatores, descritos acima, influenciam ainda no índice de mobilidade social dessas regiões. As chances de alguém melhorar de vida a partir de seus próprios recursos são bem menores em locais que carregam a herança escravocrata intrínseca nas suas sociedades. Consequentemente, essas regiões também carregam os maiores índices de pobreza. Vale considerar que mesmo em países desenvolvidos, essa realidade está presente, ainda que em menor escala, mostrando que mesmo com a ascensão, a questão racial ainda está presente e é um fator determinante ao redor do mundo.

A verdade é que o argumento de que o Brasil viva em uma democracia racial é, também, para disfarçar os preconceitos existentes. Ninguém gosta de ser considerado preconceituoso ou intolerante e um caminho para obscurecer essa realidade é apoiar-se nesta expressão para exportar a ideia de ausência de preconceito racial.

Outra forma de aliviar a discriminação é sustentar que o Brasil é um país miscigenado, justificando que não existe mais divisão por etnia, tornando os brasileiros figuras plurais com características físicas próprias em relação à cor da pele, ao cabelo e outros traços diferenciados. Uma problemática importante de se destacar neste âmbito é como se deu a miscigenação no Brasil. Primeiro, através de estupros de mulheres negras pelos fazendeiros escravistas. Mais tarde, por tentativas do Estado de clarear a população, sendo este último motivado pelo mesmo fundamento utilizado para defender que a miscigenação no Brasil: a repulsa aos traços negroides. O racismo “é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento

racial observável” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 179). O tom de pele escuro, o cabelo crespo, lábios grossos ou o nariz grande são características negadas ao redor do mundo. Muitos argumentam questão de gosto – e gosto é subjetivo –, mas não é curioso como a ideia de feiura é associada aos traços negros? Por isso que quando alguém pode se apegar em algum traço que fuja deste estereótipo, o faz e já não é mais tido como negro. Uma pessoa com nariz mais fino e a pele mais clara já não é mais considerada negra e sim como mulata, moreninha e outras expressões que aliviam o peso de ser negro.

### **2.3 Dupla opressão: aspectos de raça e gênero**

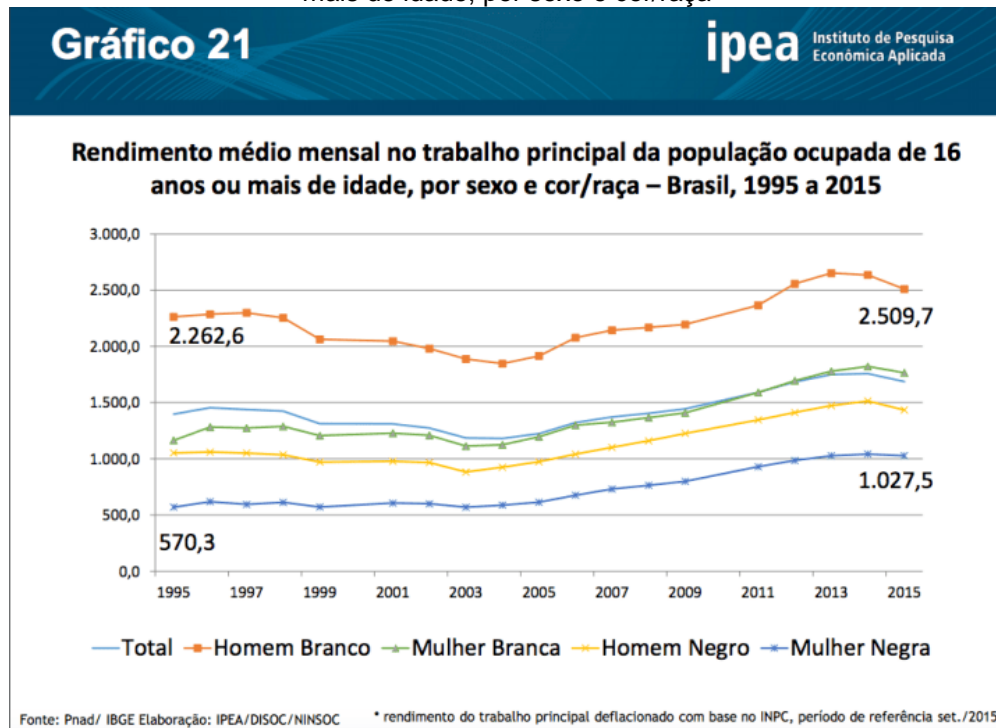
Em linhas gerais, a mulher negra é o ser mais vulnerável e fragilizado socialmente. Não importa a classe econômica que ela frequente, a mulher negra sempre é atingida por desigualdades relacionadas ao gênero, estando em desvantagens em comparação aos homens em diversos aspectos da vida; e de raça, onde sofre com a herança negativa deixada pelo período da escravidão, manifestada hoje pelas diversas formas de racismo.

Quando levamos em consideração aspectos de sexualidade e identidade de gênero, as opressões são ainda mais intensas. A mulher negra lésbica é invisibilizada; a mulher negra travesti e transgênero tem sua identidade negada; e ambas sofrem com altos índices de violência.

No âmbito do trabalho, diversas pesquisas já constataram a diferença de salários entre mulheres e homens e entre negros e brancos. Percebemos que há um abismo entre as condições de vida de um homem branco em comparação as de uma mulher negra.



**Gráfico 1** - Gráfico de rendimento mensal no trabalho principal da população ocupada de 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor/raça



Fonte: Pnad/IBGE (2015)

Os dados do Ipea ainda indicam que as mulheres desempenham mais trabalho doméstico que os homens, aumentando em 7,5 horas a jornada semanal feminina. A média do tempo de trabalho dos homens é de 46 horas semanais, enquanto a das mulheres é de 53 horas, considerando a jornada de trabalho e o trabalho doméstico.

Outra variável importante de se considerar neste quesito é a da violência. Dados do Atlas da Violência 2017 indicam que, no período de 2005 a 2015, o número de mulheres negras assassinadas no Brasil aumentou 22% e ficou acima da média geral da população feminina, enquanto o homicídio de mulheres não negras (brancas, indígenas e amarelas) caiu 7,4%.

Já na época da escravidão, as mulheres negras escravizadas estavam em desvantagem na condição de exploração. “Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas” (DAVIS, 1944, p. 20).

No âmbito do trabalho, as mulheres negras estavam inseridas em diversas funções, desde o trabalho doméstico até a lida no campo, lado a lado com seus companheiros.

Anos depois, as mulheres negras seguiram encontrando barreiras, desta vez dentro dos movimentos sociais. Balhego (2016, p.19) observa que “[...] enquanto o movimento negro priorizava as discussões para combater o racismo e a inserção das questões raciais nas políticas públicas, o feminismo focava na mulher ocidental e branca, não abrangendo as especificidades das mulheres negras”.

Assim, em meados dos anos 1980, dentro do feminismo contemporâneo, surge uma sistematização do pensamento crítico das mulheres negras, com o objetivo de criar uma luta feminista e de combate ao racismo, podendo ser incorporada ao movimento feminista, questionando-o sobre questões relacionadas à raça, etnia, classe, religião e cultura.

Outras vertentes do feminismo contemporâneo afirmam que essas ramificações do movimento tira a unidade do mesmo. Porém, é necessário que seja desconstruída a ideia da universalidade de ser mulher. A realidade da mulher negra evidencia que existem diferentes formas de opressões que atingem mulheres de diversas classes, etnias e raças.

Dentro do quadro de opressão da mulher negra encontram-se também fatores de generalização. Por exemplo, a imagem atribuída às mulheres negras normalmente seguem dois viés que se repetem incansavelmente na sociedade brasileiro: a primeira, a de mães pretas ou empregada doméstica que serve à família branca – apagando a história de muitas líderes quilombolas –, com características físicas marcadas como gorda e funções pré-definidas como cozinheira e babá; a segunda, a hipersexualidade e promiscuidade, seres irresistíveis e insaciáveis que enlouquecem os homens. Ou seja, a questão do corpo da mulher negra é colocada em dois extremos: na juventude como uma mulher que chama a atenção pelos seus atributos físicos e, mais tarde, uma total desconstrução da sua feminilidade (GILLIAM, 1995).

O ponto da sexualização inclui uma problemática maior, envolvendo questões como o estupro e abuso sexual de mulheres negras, com a justificativa da promiscuidade. Traz à tona questões como a seletividade social do papel das mulheres e a solidão da mulher negra. Para Pacheco (2013, p. 18), o racismo e o sexismo “são ideologias e práticas socioculturais, que regulam as preferências afetivas das pessoas, ganhando materialidade no corpo racializado e sexualizado”, isto é, influenciando na formação de casais, situação em que a mulher negra é frequentemente preterida.

### 3 REDE GLOBO: O IMPÉRIO DA TELEVISÃO

A Rede Globo é uma rede de televisão brasileira, com sede na cidade do Rio de Janeiro, do tipo comercial aberta, ou seja, é uma emissora, com fins lucrativos, em que a transmissão de sinal – hoje, somente digital<sup>5</sup> – é oferecida gratuitamente à população. A concessão para execução desse serviço é dada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, em concordância com o Decreto nº 5.371/2005. O sinal da Rede Globo também é disponibilizado na internet pelo serviço de vídeo sob demanda Globo Play<sup>6</sup>.

Segundo a própria emissora (*online*, 2017), de janeiro a setembro de 2017, a Rede Globo “teve um alcance médio diário de 98 milhões de pessoas, o maior índice desde 2011”, levando em consideração os telespectadores que estão no Brasil e no exterior – por meio da Globo Internacional<sup>7</sup>. A Rede Globo é a maior rede de televisão aberta do Brasil em número total de emissoras próprias e afiliada, em faturamento e em números de audiência. A emissora tem sua programação distribuída em quase todo o território nacional, com cinco emissoras próprias, parceria com 118 afiliadas, atingindo atualmente 5.490 municípios brasileiros<sup>8</sup>. Além disso, a emissora também está presente em mais de 100 países, através da Globo Internacional. “A Rede Globo de Televisão chega a qualquer brasileiro que tenha acesso à eletricidade e a uma TV” (BONNER, 2009, p. 33).

A primeira concessão de televisão da Rede Globo, requerida na época pela Rádio Globo, foi aprovada em 1957, pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Sem condições técnicas e financeiras de ir ao ar, o fundador, jornalista Roberto Marinho, firmou um acordo com o grupo norte-americano Time-Life. A empresa investiu alto valor para o efetivo nascimento da TV Globo, o que a emissora definiu como “acordo de assistência técnica” (*online*, 2013).

Porém, a Constituição vigente proibia a criação ou participação de estados ou empresas estrangeiras na criação de emissoras de TV em território nacional. A Constituição Federal de 1988, em vigor atualmente, mantém a restrição de

---

<sup>5</sup> O sinal digital é o sinal de televisão que garante, principalmente, melhor qualidade de som e imagem. Desde 2016, o sinal digital vem substituindo o sinal analógico.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em 15 jun. 2018.

<sup>7</sup> Lançados em 1999, os canais internacionais da Rede Globo são compostos por sete canais de televisão pagos, presentes em todos os continentes, com noticiários em tempo real, esportes ao vivo, novelas, minisséries, conteúdos infantis e variedades.

<sup>8</sup> São 5.561 municípios no Brasil.

participação de capital internacional em emissoras, visando evitar a interferência de estados estrangeiros nas decisões políticas, levando em consideração a influência que a televisão exerce sobre a opinião pública.

Em 1965, a TV Globo foi ao ar pela primeira vez, no canal 4, no Rio de Janeiro.

**Figura 3 -** Fachada do primeiro prédio da TV Globo



Fonte: Acervo Editora Globo, 1965

No mesmo ano, através de denúncia, realizada pelo jornalista Carlos Lacerda<sup>9</sup>, sobre a ilegalidade das relações da emissora com o grupo Time-Life, foi instaurada CPI para investigação pelo congresso nacional.

Algumas obras expuseram a relação da TV Globo com a empresa, entre elas “A História Secreta da Rede Globo”, de Daniel Koslowsky Herz, e o documentário, produzido pela emissora britânica Channel Four, em português brasileiro conhecido como “Muito Além do Cidadão Kane”, que mostra as relações entre a mídia e poder no Brasil, focando na análise da figura do jornalista e fundador da TV Globo Roberto Marinho. O documentário sugere que foi feito um acordo político entre os órgãos de inteligência dos Estados Unidos da América e os militares brasileiros, durante a

<sup>9</sup> Carlos Lacerda foi um jornalista e político brasileiro, fundador e proprietário do jornal Tribuna da Imprensa.

ditadura militar, que teria resultado no abafamento das investigações, em troca de apoio aos militares.

Em 1969, o jornalista Hilton Gomes apresentou uma entrevista concedida pelo Papa Paulo VI, gravada em Roma, sendo esta a primeira reportagem internacional via satélite transmitida para o Brasil. No mesmo dia, a Globo transmitiu, via Embratel, a chegada do homem à Lua, marcando a primeira transmissão ao vivo internacional via satélite no Brasil.

Ainda em 1969, a Globo se consolida como líder de audiência, com um modelo de grade de programação horizontal e vertical<sup>10</sup>, exibida de segunda a sábado, e o horário nobre preenchido por duas novelas intercaladas pelo Jornal Nacional – primeiro telejornal brasileiro exibido em rede nacional – e depois a linha de shows. Esse modelo, construído por Walter Clark e José Bonifácio, constitui o chamado Padrão Globo de Qualidade.

Em 1970, na transmissão da Copa do Mundo, a Globo recebe sinal experimental em cores, da Embratel. No mesmo ano, a vinheta “Plim-Plim” passa a marcar a passagem de ida e volta de intervalos comerciais. Em 1971, a emissora realiza a primeira transmissão oficial em cores, em rede nacional, na televisão brasileira, na Festa da Uva, em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Quatro anos mais tarde, a Globo passou a exibir grande parte da sua programação simultaneamente para todo o país.

Ao longo dos anos, a emissora foi evoluindo sua produção em telejornais, novelas, seriados e programas de variedades. Em 1997, a Globo inicia a utilização do *closed caption*, tecnologia que permite a deficientes auditivos acompanharem diálogos e falas de programas. Neste período, o Fantástico passa a ser o primeiro programa de televisão brasileiro a ser transmitido ao vivo, para o mundo inteiro, através da internet. Dez anos mais tarde a emissora deu início às transmissões ao vivo em formato digital.

---

<sup>10</sup> A programação horizontal é uma estratégia que consiste em estipular horário fixo para a transmissão de determinado gênero de programa todos os dias da semana, com o intuito de criar no espectador o hábito de assistir determinado programa diariamente. Já a programação vertical é a que os programas mudam de horário durante a semana e são reprisados, buscando audiência em diversos horários.

### 3.1 Telejornalismo

A Rede Globo possui, atualmente, cinco telejornais: Hora Um da Notícia, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. Todos são exibidos de segunda a sexta, sendo o Jornal Hoje e o Jornal Nacional exibidos também aos sábados.

No início, com o lançamento do Jornal Nacional, primeiro telejornal transmitido para todo o país, a linguagem, a narrativa, o formato e a figura do repórter de vídeo seguiam padrões dos telejornais norte-americanos. Ao longo dos anos, a “cara” do jornalismo da Rede Globo passou por diversas alterações. Uma delas foi em 1996, quando Cid Moreira e Sérgio Chapelin saíram da bancada do JN, dando lugar a William Bonner e Líllian Witte Fibe. “O objetivo da emissora era dinamizar a apresentação de seu carro-chefe, que possuía a mesma “cara” desde sua estreia” (CONTATO, 2014, p. 9).

Por vezes, a produção do telejornal mostrou-se mais preocupada com a forma do que com o conteúdo. Isso é evidenciado pela convicção do ex diretor-geral da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, conhecido como Boni: boa aparência, voz firme e timbre bonito eram características importantes, que atrairia o público feminino das telenovelas, evitando que “na passagem da novela para o Jornal Nacional, essa grande faixa de audiência mudasse de canal” (REZENDE, 2000, p. 114).

Outro fator de necessário destaque quando se fala na forma dos telejornais é a identidade visual. Por muitas vezes modernizada no telejornalismo e na emissora em si, é um elemento que dá rosto para o programa, criando um vínculo com telespectador, transmitindo ao mesmo o clima do programa.

Para Contato (2014), a Globo, trouxe ao jornalismo brasileiro o padrão que passou a ser o modelo ideal. Segundo Pignatari (1988), isso se dá pelo fato de a Rede Globo ter eliminado a improvisação, incorporando o ritmo da notícia na televisão brasileira.

Claro que não foi a Globo que criou o telejornalismo, mas foi ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só o texto como a entonação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com excelente “*timing*” texto e imagem. [...] por isso, ainda sou mais a Globo. Tem as suas

limitações, mas é quase perfeita em seu formato, confecção e ritmo (PIGNATARI, 1988, p. 14).

Porém, o telejornalismo da emissora recebe, frequentemente, muitas críticas, sejam pelos seus critérios editoriais ou pela forma de fazer jornalismo propriamente dita. Neste sentido, Hagen (2009) observa, no contexto do Jornal Nacional, figura legítima do telejornalismo da emissora:

Amado e odiado com a mesma intensidade, o Jornal Nacional é um ponto de referência quando se fala tanto de “bom” quanto de “mau” jornalismo. Essa é uma visão partilhada pelo público, pelos jornalistas e pelos pesquisadores, indistintamente. O JN não passa despercebido na sociedade, seja pela informação que mostra ou pela que deixa de mostrar, seja pela forma ou pelo conteúdo. Encerra em si as contradições que os paradigmas carregam: é acusado de governista, direitista e pró-empresariado, mas ao mesmo tempo é o mais visto e comentado, além de ser incessantemente copiado por outras redes de TV. É classificado como fútil e ligeiro no aprofundamento das reportagens, ao mesmo tempo já mostrou ser capaz de mobilizar a sociedade com os temas que apresenta (HAGEN, 2009, p. 98).

Ainda assim, os repórteres da Rede Globo são, normalmente, referência de qualidade no jornalismo brasileiro (COUTINHO, 2010), demonstrando a interiorização do Padrão Globo de Qualidade na sociedade brasileira.

### *3.1.1 Hora Um da Notícia*

Primeiro telejornal do dia, o Hora Um da Notícia, também conhecido apenas como Hora Um, entrou na grade de programação da Rede Globo no final de 2014, tendo como público alvo a população que acorda cedo e acompanha notícias das cinco às seis da manhã. O programa, com cerca de 55 minutos, sem os intervalos comerciais, é transmitido direto de São Paulo, ao vivo, para todos os estados do país, de segunda a sexta-feira e é apresentado pela jornalista Monalisa Perrone.

O telejornal informa sobre acontecimentos do Brasil e do mundo e também mostra imagens ao vivo do trânsito nas grandes cidades, o funcionamento dos aeroportos e a previsão do tempo para todas as regiões do Brasil.

**Figura 4 -** Monalisa Perrone, apresentadora do Hora Um da Notícia



Fonte: Bob Paulino/Memória Globo (2014)

Ainda conta com participações diárias, em rodízio e ao vivo, dos correspondentes Ilze Scamparini, de Roma, na Itália, Bianca Rothier, de Zurique, na Suíça, Márcio Gomes, de Tóquio, no Japão, e Cecília Malan, de Londres, na Inglaterra.

### *3.1.2 Bom Dia Brasil*

Exibido de segunda a sexta-feira, na faixa das 7h30 da manhã, o Bom Dia Brasil possui cerca de uma hora de duração e traz comentários com repercussão e análise dos fatos, além de, eventualmente, entrevistas. O programa estreou em 1983, inspirado no Bom Dia São Paulo – telejornal de início de manhã com abordagem regional.

Apresentado, no início, pelo jornalista Carlos Monforte, o foco do jornal era o noticiário econômico e político, além de entrevistas e análises de comentaristas. Com a chegada do jornalista Renato Machado à bancada do programa, em 1996, o Bom Dia Brasil entra numa nova fase, ganhando um formato mais próximo de revista, com espaço para outras editorias, como moda, culinária e cultura.



Atualmente, o telejornal é apresentado pelos jornalistas Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo.

**Figura 5** - Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo, apresentadores do Bom Dia Brasil



Fonte: TV Globo (2017)

### *3.1.3 Jornal Hoje*

O Jornal Hoje é o telejornal do horário do almoço da Rede Globo. Apresentado pelos jornalistas Sandra Annenberg e Dony de Nuccio – que substituiu Evaristo Costa recentemente –, ele é exibido de segunda a sábado, a partir das 13h20. O programa traz temas como culinária, arte, comportamento, moda, cidadania, defesa do consumidor e além do noticiário.

Entrou no ar pela primeira vez em 1971, com Léo Batista e Luís Jatobá na bancada.

**Figura 6** - Sandra Annenberg e Dony de Nuccio, apresentadores do Jornal Hoje



Fonte: TV Globo (2018)

#### *3.1.4 Jornal Nacional*

O Jornal Nacional é o telejornal do horário nobre da Rede Globo. Principal telejornal da emissora e um dos mais respeitados do país, é apresentado por William Bonner (editor-chefe) e Renata Vasconcellos (editora-executiva). O programa é exibido de segunda a sábado, a partir das 20h15. Tem cerca de uma hora de duração e faz a cobertura das principais notícias no Brasil e no mundo.

Estreou em 1969 e seus primeiros apresentadores foram Hilton Gomes e Cid Moreira. Ao total, já passaram 11 jornalistas pela bancada, nomes como Sérgio Chapelin, Celso Freitas, Líllian Witte Fibe e Fátima Bernardes.

Em 2011, o telejornal ganhou o Emmy International, na categoria "notícia", devido à cobertura da expulsão dos traficantes e a ocupação policial do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em novembro de 2010. Foi a sétima vez em nove anos que o telejornal chegou à final do considerado "Oscar da televisão mundial", sendo esta a primeira vitória.

**Figura 7** - William Bonner e Renata Vasconcellos na bancada do Jornal Nacional



Fonte: João Cotta/TV Globo (2014)

### 3.1.5 *Jornal da Globo*

Último jornal do dia, o *Jornal da Globo* é apresentado atualmente pela jornalista Renata Lo Prete. Exibido de segunda a sexta, sem horário fixo – varia entre 23h30 e 00h15 –, o programa traz as notícias da noite e também análises, críticas e opiniões sobre os principais assuntos do dia.

O programa estrou em 1982 sob o comando de Renato Machado, Belisa Ribeiro e Luciana Villas Bôas.

**Figura 8** - Jornalista Renata Lo Prete no comando do *Jornal da Globo*



Fonte: GloboPlay (2018)

Em 2017, o então apresentador Willian Waack foi afastado do programa em virtude do vazamento de um vídeo, gravado durante a cobertura das Eleições nos Estados Unidos em 2016. No vídeo, ouve-se uma buzina disparada da rua. O jornalista, contrariado, faz um comentário racista ao colega Paulo Sotero: "é coisa de preto".

#### 4 ESPELHO “DO REAL”: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

A televisão está presente na vida da maioria das pessoas. Em fevereiro de 2018, o IBGE revelou, pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) contínua 2016 que de 69,3 milhões de domicílios particulares permanentes no Brasil, apenas 2,8%, ou 1,9 milhão, não tinham televisão – com destaque para o Norte do país, onde o percentual é o mais elevado (6,3%). O número supera o da presença de geladeiras nos lares brasileiros.

Isso significa que a televisão tem uma significação muito forte na vida da população brasileira – e pode exercer grande influência sobre nós em diversos âmbitos, inclusive na construção de quem nós somos e como nos vemos neste mundo.

Ainda que Nauman (2005) considere a identidade como um trabalho de criação individual e particular, que confere ao sujeito responsabilidade e autonomia na construção de suas representações e papéis sociais, é importante ressaltar que os meios de comunicação marcam presença no que se refere à construção de uma identificação. Stuart Hall (2006, p. 39) coloca a construção da identidade como algo que acontece ao longo tempo, por meio de processos inconscientes: “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento”.

Nesse sentido, Esteves (1999, p. 4) destaca a importância de não esquecermos que a mídia cumpre funções sociais básicas, como “a reprodução cultural, a socialização e a integração social dos indivíduos”. Tais funções sociais são asseguradas pela mídia através de modelos de pensamento e ação.

Kellner (2001, p. 9) sugere que a mídia auxilia no processo de modelagem do indivíduo, pois “oferece a base sobre a qual muitas pessoas constroem seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade”.

Assim, a televisão tem um papel extremamente relevante na construção da identidade negra. De acordo com Martins (2015, *online*), “a constatação de sociólogos e outros estudiosos sobre o tema é que, na TV, o principal veículo de comunicação de massa do Brasil, a falta de representatividade do negro influencia ativamente na constituição da identidade desta população e na forma como ela é vista pelos demais”.

Na obra "A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira", Joel Zito Araújo (2001) apresenta alguns elementos que resumem como os meios de comunicação de massa representam negros e afro-brasileiros na televisão.

Entre os principais, destaca-se:

- 1) Os negros são representados através de estereótipos negativos;
- 2) Existe uma invisibilidade da ação positiva dos negros;
- 3) A cultura negra é vista como folclore, e não como parte da cultura popular e da constituição do imaginário e das preferências do povo brasileiro;
- 4) O negro como elemento de diversão para os brancos, e não para si mesmo e seu grupo étnico;
- 5) A apresentação do negro como pobre e favelado está na estrutura rotineira dos noticiários.

Ou seja, a referência de negritude que a população negra brasileira tem através da televisão é negativa e faz com que este grupo não queira se identificar com as características apresentadas. Isso resulta em uma negação da sua verdadeira identidade e, muitas vezes, de sua origem, fazendo com que a forma como a negritude é mostrada na televisão, tome corpo e se torne real.

A televisão não é o espaço da narrativa do real, mas da construção do real. Dessa forma, esse modelo de identidade negra que a teledramaturgia brasileira difunde acaba alimentando um imaginário de exclusão e reforça estereótipos sobre o negro na sociedade brasileira. (MARTINS, 2015, *online*)

Nesse sentido, Sodré (2015) expõe que essa realidade obriga o negro a procurar reconhecimento no branco, já que não encontra representações negras dignificadoras nos veículos de massa. O autor acrescenta que, além dos problemas de discriminação, existe a autodiscriminação, "devido à internalização pelo indivíduo escuro de imagens negativas sobre si mesmo" (SODRÉ, 2015, p. 267).

Nesse sentido, outro fator importante é as funções "preestabelecidas" para pessoas negras.

As imagens mais positivas das pessoas negras são aquelas que representam os papéis sociais atribuídos pelo sistema: cantor e/ou compositor popular, jogador de futebol e 'mulata'. Em todas estas imagens

há um elemento em comum: a pessoa negra é um objeto de divertimento. (GONZALEZ, 1979, p. 4).

A identificação e a construção da identidade se dão através da forma como os indivíduos enxergam a si próprios. Os sujeitos são um reflexo do que veem. Além disso, faz parte da natureza do ser humano construir sua personalidade a partir de exemplos. Assim, em um mundo em que as imagens são determinantes e o espelho moderno é a televisão, como uma população formada por mais da metade de negros pode se conhecer e se valorizar, se não se enxergam neste espelho? Se não há referências de motivação e inspiração visíveis?

A representatividade é necessária para o reconhecimento da identidade e do valor de um determinado grupo. A pouca representação negra em diversos espaços diminui os anseios de jovens negros, pois, além de terem como referência muitas significações indignas da população negra, ainda são poucos os que alcançam um lugar de sucesso e uma imagem séria e profissional. Isso mostra que o caminho percorrido foi difícil, o que desmotiva aqueles que precisam de uma inspiração para ter a consciência de que podem chegar a algum lugar e seguir caminhos diferentes daqueles atribuídos previamente.

#### **4.1 Representatividade importa**

O estudo *Racial and Gender Differences in the Relationship Between Children's Television Use and Self-Esteem: A Longitudinal Panel Study*, de Martins e Harrison (2012), mostrou que assistir televisão aumenta a autoestima de meninos brancos ao mesmo tempo em que diminui a de meninos negros e de meninas brancas e negras. As pesquisadoras detectaram que tanto a ausência de determinados grupos nas telas, como os estereótipos negativos com os quais eles são relacionados estão diretamente ligados com os resultados do estudo. Meninos brancos não enfrentam esse tipo de problema, já que tendem a aparecer em posições de poder e prestígio, com namoradas/esposas maravilhosas e/ou até como super-heróis.

Woodward (2000, p. 17) destaca que “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência, àquilo que somos”.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2000, p. 17)

Então, se ver representado – de forma positiva – na mídia é promover uma autoafirmação, uma vez que essa realidade valida a existência de pessoas pertencentes a minorias sociais<sup>11</sup>, além de ampliar as noções do que essas podem ser e fazer.

Quando eu tinha nove anos de idade, Star Trek apareceu. Olhei para aquilo e saí gritando pela casa. 'Vem aqui, mãe, todo mundo, vem rápido, rápido, tem uma moça negra na televisão e ela não é uma empregada!'. Eu soube bem ali que podia ser qualquer coisa que quisesse. (GOLDBERG, 2016)

Outro fator relevante quando se fala em representatividade na mídia é como ela pode ser um meio que dá espaço e voz para as minorias, que muitas vezes não são escutadas na vida real. A mídia oferece um ambiente seguro para que essas vozes alcancem “a maioria” e se tornem mais aceitas.

Além disso, a representatividade importa não só para aqueles que querem se ver representados, como para aqueles que já são, pois se torna uma oportunidade de enxergar uma ampla diversidade, tornado possível que se tome consciência da existência delas e de suas contribuições.

#### *4.1.1 Glória Maria e a pequena repórter Mirella*

Glória Maria Matta da Silva, a Glória Maria, é jornalista, conhecida por suas reportagens explorando lugares excêntricos, grandes coberturas jornalísticas, além de entrevistas com famosos e personalidades. Em 1970, uma amiga a levou para trabalhar na Globo como rádio escuta e em 1971 teve sua estreia como repórter marcada pela cobertura do desabamento do Elevado Paulo de Frontin, sendo considerada a primeira repórter negra da televisão brasileira

---

<sup>11</sup> Grupos historicamente oprimidos, seja social, econômica, política e/ou culturalmente. Não necessariamente se refere a números.



**Figura 9** - Glória Maria na reportagem dos 10 anos do desabamento do Elevado Paulo de Frontin



Fonte: Memória Globo (1981)

Entre suas outras grandes coberturas, se destacam a posse de Jimmy Carter em 1977, ocasião em que se destacou ao entrevistar o presidente norte-americano, sendo a primeira jornalista estrangeira a conseguir – que rendeu a ela o título de “senhora dos furos”; as entrevistas com os chefes de estado na época da ditadura, no Brasil; além de conseguir burlar a segurança dos jogos olímpicos e dar com exclusividade o juramento do velocista Carl Lewis.

Ainda em 1977, Glória Maria foi a primeira repórter a entrar ao vivo no Jornal Nacional, mostrando o trânsito dos carros no Rio de Janeiro.

O ano de 1986 é considerado um divisor de águas na carreira de Glória, pois passou a integrar a equipe do Fantástico, realizando entrevistas com diversas personalidades conhecidas no mundo todo, como Michael Jackson, Madonna e Freddie Mercury.

**Figura 10** - Glória Maria entrevistando Michael Jackson e Freddie Mercury



Fonte: Memória Globo (1996 e 1985)

Após realizar outras grandes coberturas, Glória passou a apresentar o programa, ao lado de Pedro Bial.

Em 2008, aos 35 anos de carreira, a jornalista pediu afastamento do Fantástico. Em 2010, em reunião com a direção da Globo, Glória Maria voltou, agora no Globo Repórter, programa no qual faz reportagens internacionais e também trabalha como co-apresentadora ao lado de Sérgio Chapelin, em algumas ocasiões.

**Figura 11** - Glória Maria à frente do Globo Repórter



Fonte: Tata Barreto/Globo (2015)

No final de 2017, uma situação chamou a atenção dos internautas e, posteriormente, de Glória Maria. De férias e sem ter como sair para passear com os quatro irmãos, Mirella Archangelo, de 11 anos, e seus irmãos transformaram a sala

da casa da família, no bairro Parque Avelino, em Ribeirão Preto (SP), em um estúdio de TV. Peterson, 8 anos, que fez uma câmera filmadora de caixa de sapato e tecido, simulava uma gravação, enquanto Mirella caminhava, segurando um microfone de espuma e plástico reciclado, com o logotipo da Globo. Pablo, 8 anos, e Marjorie, de 6, são os entrevistados. Assim, os quatro caminhavam, com a mãe fazendo as imagens pelo telefone.

**Figura 12** - Mirella e seus irmãos durante o telejornal produzido por eles



Fonte: Canal Mirella Archangelo Jornal Mirim (2017)

Pouco tempo depois, Glória Maria fez uma visita surpresa<sup>12</sup> a Mirella. No encontro com Glória, o qual foi ao ar no Fantástico, na véspera do Natal, Mirella ficou surpresa com a chegada da jornalista e contou que se inspirava em Glória Maria.

Emocionada com a reação, Glória Maria afirmou que se pudesse escolher um presente de natal, seria esse e falou da responsabilidade de servir de inspiração para a vida da menina.

---

<sup>12</sup> Pequena repórter que estourou na web faz reportagem com Glória Maria. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/12/pequena-reporter-que-estourou-na-web-faz-reportagem-com-gloria-maria.html>. Acesso em 06 jun. 2018.

## **5 A COR NA TELEVISÃO: OS JORNALISTAS NEGROS NA REDE GLOBO**

A pesquisa, segundo Gil (2008), tem como objetivo fundamental descobrir respostas para problemas, utilizando procedimentos científicos. Neste trabalho, busca-se responder qual o número de jornalistas negros, comparado ao número de jornalistas não negros, presentes nos telejornais de âmbito nacional a fim de observar se o quadro de profissionais repórteres e apresentadores condizem com a realidade brasileira.

As informações foram obtidas através de uma coleta de dados contínua, metodologia aplicada quando os eventos são registrados à medida que acontecem, durante um determinado período de tempo, realizada pela autora, por meio de observação, assistindo aos telejornais. Para Gil (2008, p. 100), “a observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação”, pois, dessa forma, qualquer subjetividade que possa influenciar no processo de pesquisa, tende a ser reduzida.

A observação durou 25 dias, sendo 2 de abril o primeiro dia da pesquisa, sucedendo-se até o dia 30 de abril e excluindo-se os domingos. Nos dias em questão, foram veiculados os seguintes telejornais: Hora Um da Notícia, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo, sendo que em cinco desses dias — sábados — foram ao ar apenas Jornal Hoje e Jornal Nacional. A coleta de informações foi realizada pela televisão, durante a transmissão ao vivo de cada telejornal, e através da plataforma de vídeo sob demanda Globo Play. Na análise em questão, foram considerados negros os jornalistas que atendiam fenotipicamente aos traços de negritude, de acordo com interpretação da autora.

### **5.1 Levantamento de dados**

A seguir, são apresentadas as tabelas comparativas, referentes ao número de jornalistas presentes em cada telejornal. A soma do valor contido nas colunas não representa o número de profissionais que apareceram em tela nos respectivos dias,

uma vez que um repórter pode aparecer em diferentes telejornais em um mesmo dia.

- Dia 01 - 02 de abril

**Quadro 1 - Dia 01**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	10
Bom dia Brasil	1	21
Jornal Hoje	1	13
Jornal Nacional	4	9
Jornal da Globo	0	10

Fonte: Da autora (2018)

Neste dia, dos 60 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 56 não negros e apenas quatro negros. São eles: Ari Peixoto, Zileide Silva, Maria Júlia Coutinho e Cláudia Bomtempo, sendo que os dois primeiros apareceram em dois telejornais.

- Dia 02 - 03 de abril

**Quadro 2 - Dia 02**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	11
Bom dia Brasil	0	21
Jornal Hoje	0	12
Jornal Nacional	2	11

Jornal da Globo	0	9
-----------------	---	---

Fonte: Da autora (2018)

No segundo dia de análise, dos 45 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 43 não negros e duas negras. São elas: Maria Júlia Coutinho e Cláudia Bomtempo. Ambas apareceram no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 03 - 04 de abril

**Quadro 3 - Dia 03**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	9
Bom dia Brasil	0	16
Jornal Hoje	1	12
Jornal Nacional	1	7
Jornal da Globo	0	6

Fonte: Da autora (2018)

No terceiro dia, foram contabilizados 40 jornalistas não negros, para dois negros, de um total de 42. São eles: Fred Ferreira e Maria Júlia Coutinho.

- Dia 04 - 05 de abril

**Quadro 4 - Dia 04**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	8
Bom dia Brasil	0	15

Jornal Hoje	0	10
Jornal Nacional	2	10
Jornal da Globo	0	8

Fonte: Da autora (2018)

Neste dia, dos 48 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 46 não negros e somente dois eram negros. São elas: Zileide Silva e Cláudia Bomtempo. Ambas apareceram no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 05 - 06 de abril

**Quadro 5 - Dia 05**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	11
Bom dia Brasil	1	18
Jornal Hoje	1	14
Jornal Nacional	1	14
Jornal da Globo	0	11

Fonte: Da autora (2018)

No quinto dia de análise, dos 58 jornalistas contabilizados, foram observados 55 não negros e duas negras. São elas: Dulcinéia Novaes e Maria Júlia Coutinho.

- Dia 06 - 07 de abril

**Quadro 6 - Dia 06**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Jornal Hoje	0	10

Jornal Nacional	1	17
-----------------	---	----

Fonte: Da autora (2018)

No sexto dia, primeiro sábado do mês abril, quando foram veiculados apenas dois telejornais, foram contabilizados 22 jornalistas não negros, para apenas um negro, Ana Paula Santos, de um total de 23.

- Dia 07 - 09 de abril

**Quadro 7 - Dia 07**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	2	8
Bom dia Brasil	2	19
Jornal Hoje	0	12
Jornal Nacional	1	16
Jornal da Globo	0	16

Fonte: Da autora (2018)

Neste dia, dos 64 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 60 não negros e apenas quatro negros. São eles: Dulcinéia Novaes, Rúbia Oliveira, Abel Neto e Maria Júlia Coutinho.

- Dia 08 - 10 de abril

**Quadro 8 - Dia 08**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	1	10
Bom dia Brasil	0	24
Jornal Hoje	0	12



Jornal Nacional	2	14
Jornal da Globo	1	11

Fonte: Da autora (2018)

No oitavo dia foram contabilizados 49 jornalistas não negros, para quatro negros, de um total de 53. São eles: Denise Soares, Ari Peixoto, Maria Júlia Coutinho e Cláudia Bomtempo.

- Dia 09 - 11 de abril

**Quadro 9 - Dia 09**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	2	10
Bom dia Brasil	0	22
Jornal Hoje	0	12
Jornal Nacional	2	10
Jornal da Globo	1	8

Fonte: Da autora (2018)

No nono dia de análise, dos 57 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 53 não negros e quatro negros. São eles: Denise Soares, Ari Peixoto, Maria Júlia Coutinho e Cláudia Bomtempo.

- Dia 10 - 12 de abril

**Quadro 10 - Dia 10**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	11
Bom dia Brasil	0	25

Jornal Hoje	0	18
Jornal Nacional	2	11
Jornal da Globo	0	14

Fonte: Da autora (2018)

No 10º dia foram contabilizados 65 jornalistas não negros, para duas negras, de um total de 67. São elas: Maria Júlia Coutinho e Cláudia Bomtempo. Ambas apareceram no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 11 - 13 de abril

**Quadro 11 - Dia 11**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	1	14
Bom dia Brasil	0	21
Jornal Hoje	1	14
Jornal Nacional	1	12
Jornal da Globo	0	12

Fonte: Da autora (2018)

Neste dia, dos 63 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 60 não negros e três negros. São eles: Hemerson Sodré, Dulcinéia Novaes e Maria Júlia Coutinho.

- Dia 12 - 14 de abril

**Quadro 12 - Dia 12**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
------------	------------------------------	----------------------------------

Jornal Hoje	1	12
Jornal Nacional	0	16

Fonte: Da autora (2018)

No 12º dia, segundo sábado do mês abril, quando foram veiculados apenas dois telejornais, foram contabilizados 21 jornalistas não negros, para apenas uma negra, Zileide Silva, de um total de 22. Vale ressaltar que a Zileide esteve na bancada no Jornal Hoje no dia em questão, como apresentadora plantonista<sup>13</sup>.

- Dia 13 - 16 de abril

**Quadro 13 - Dia 13**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	1	10
Bom dia Brasil	2	21
Jornal Hoje	0	13
Jornal Nacional	2	11
Jornal da Globo	0	9

Fonte: Da autora (2018)

No 13º dia foram contabilizados 54 jornalistas não negros, para quatro negros, de um total de 58. São eles: Bruno Grubertt, Ari Peixoto, Cláudia Bomtempo e Maria Júlia Coutinho.

- Dia 14 - 17 de abril

**Quadro 14 - Dia 14**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	11

<sup>13</sup> Aqueles que apresentam os telejornais nas ocasiões em que os apresentadores fixos não o fazem.

Bom dia Brasil	0	21
Jornal Hoje	0	12
Jornal Nacional	1	9
Jornal da Globo	0	9

Fonte: Da autora (2018)

No dia em questão, dos 58 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 57 não negros e somente uma negra, Maria Júlia Coutinho. A jornalista apareceu no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 15 - 18 de abril

**Quadro 15 - Dia 15**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	11
Bom dia Brasil	0	22
Jornal Hoje	0	13
Jornal Nacional	1	11
Jornal da Globo	0	8

Fonte: Da autora (2018)

Neste dia, dos 59 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 58 não negros e, novamente, somente uma negra, desta vez Zileide Silva. A jornalista apareceu no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 16 - 19 de abril

**Quadro 16 - Dia 16**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	11
Bom dia Brasil	0	22
Jornal Hoje	0	11
Jornal Nacional	1	11
Jornal da Globo	0	11

Fonte: Da autora (2018)

No 16º dia de análise, dos 60 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 59 não negros e somente uma negra, Maria Júlia Coutinho. A jornalista apareceu no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 17 - 20 de abril

**Quadro 17 - Dia 17**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	9
Bom dia Brasil	1	22
Jornal Hoje	0	10
Jornal Nacional	1	12
Jornal da Globo	1	9

Fonte: Da autora (2018)

No 17º dia foram contabilizados 55 jornalistas não negros, para três negros, de um total de 58. São eles: Ari Peixoto, Maria Júlia Coutinho e Bruno Grubertt.

- Dia 18 - 21 de abril

**Quadro 18 - Dia 18**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Jornal Hoje	1	8
Jornal Nacional	0	12

Fonte: Da autora (2018)

No 18º dia, terceiro sábado do mês abril, quando foram veiculados apenas dois telejornais, foram contabilizados 18 jornalistas não negros e uma negra, Maria Júlia Coutinho. Vale ressaltar que a jornalista esteve na bancada no Jornal Hoje no dia em questão, como apresentadora plantonista.

- Dia 19 - 23 de abril

**Quadro 19 - Dia 19**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	10
Bom dia Brasil	0	26
Jornal Hoje	0	10
Jornal Nacional	2	11
Jornal da Globo	0	9

Fonte: Da autora (2018)

Neste dia, dos 61 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 59 não negros e duas negras. São elas: Cláudia Bomtempo e Maria Júlia Coutinho.

- Dia 20 - 24 de abril

**Quadro 20 - Dia 20**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
------------	------------------------------	----------------------------------

Hora Um da Notícia	0	11
Bom dia Brasil	0	22
Jornal Hoje	0	15
Jornal Nacional	3	11
Jornal da Globo	0	10

Fonte: Da autora (2018)

No 20º dia de análise, dos 64 jornalistas que apareceram em tela, foram observados 61 não negros e três negros. São eles: Maria Júlia Coutinho, Bruno Grubertt e Zileide Silva. Todos apareceram no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 21 - 25 de abril

**Quadro 21 - Dia 21**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	10
Bom dia Brasil	0	21
Jornal Hoje	0	13
Jornal Nacional	2	10
Jornal da Globo	0	9

Fonte: Da autora (2018)

Neste dia, dos 49 jornalistas que apareceram em tela, foram contabilizados 47 não negros e dois negros. São eles: Ari Peixoto e Cláudia Bomtempo. Ambos apareceram no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 22 - 26 de abril

**Quadro 22 - Dia 22**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	8
Bom dia Brasil	0	20
Jornal Hoje	0	14
Jornal Nacional	1	14
Jornal da Globo	0	14

Fonte: Da autora (2018)

No 22º dia de análise, dos 60 jornalistas que apareceram em tela, foram observados 59 não negros e apenas uma negra, Maria Júlia Coutinho. A jornalista apareceu no Jornal Nacional, ficando os outros quatro telejornais sem aparição de jornalistas negros.

- Dia 23 - 27 de abril

**Quadro 23 - Dia 23**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	0	8
Bom dia Brasil	0	20
Jornal Hoje	1	12
Jornal Nacional	1	16
Jornal da Globo	0	10

Fonte: Da autora (2018)

No 23º dia foram contabilizados 53 jornalistas não negros, para dois negros, de um total de 55. São eles: Ari Peixoto e Maria Júlia Coutinho e Bruno Grubertt.



- Dia 24 - 28 de abril

**Quadro 24 - Dia 24**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Jornal Hoje	2	7
Jornal Nacional	0	17

Fonte: Da autora (2018)

No 24º dia, último sábado do mês abril, quando foram veiculados apenas dois telejornais, foram contabilizados 22 jornalistas não negros e somente dois negros. São eles: Zileide Silva e Bruno Grubertt. Vale ressaltar que a Zileide esteve na bancada no Jornal Hoje no dia em questão, como apresentadora plantonista.

- Dia 25 - 30 de abril

**Quadro 25 - Dia 25**

TELEJORNAL	NÚMERO DE JORNALISTAS NEGROS	NÚMERO DE JORNALISTAS NÃO NEGROS
Hora Um da Notícia	1	9
Bom dia Brasil	0	20
Jornal Hoje	1	11
Jornal Nacional	1	14
Jornal da Globo	1	9

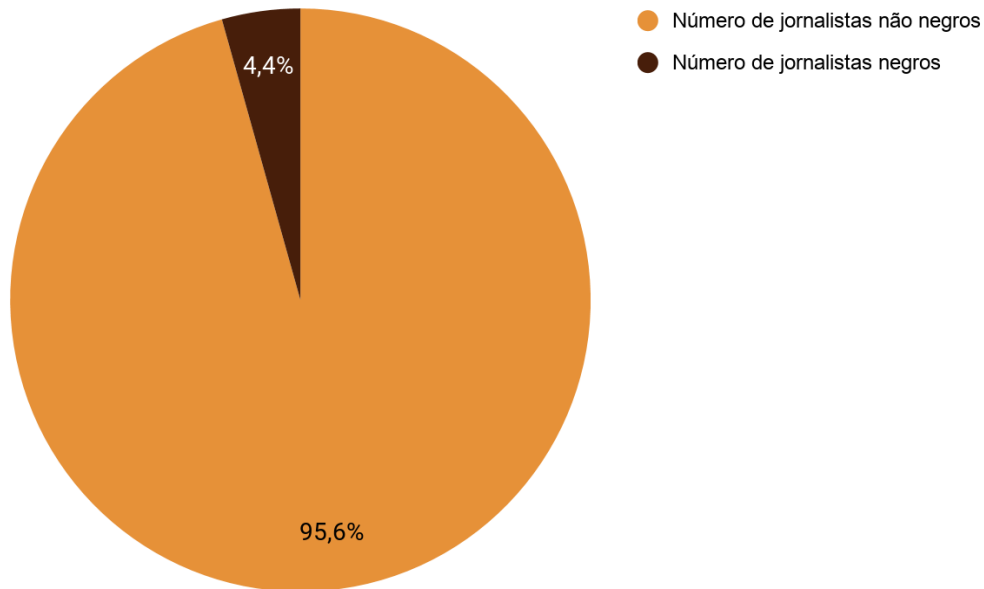
Fonte: Da autora (2018)

No último dia de análise, foram observados 44 jornalistas não negros e somente duas negras. São elas: Cláudia Bomtempo e Zileide Silva. Vale ressaltar que a Zileide esteve na bancada no Jornal Hoje no dia em questão, como apresentadora plantonista.

Quanto ao número total de jornalistas que apareceram em tela durante o mês de abril, observou-se **263 jornalistas não negros, para 12 jornalistas negros, que representam 4,4% dos repórteres e apresentadores da Rede Globo no período**

**analisado**<sup>14</sup>. Vale ressaltar que nenhum telejornal possui, atualmente, um apresentador negro fixo, apenas plantonistas.

**Gráfico 2** - Representação do número de jornalistas negros e não negros observados durante o mês de abril



Fonte: Da autora (2018)

Constatou-se, portanto, que o número de jornalistas negros que compõem o quadro de repórteres e apresentadores dos telejornais de âmbito nacional da Rede está aquém das expectativas esperadas, quando levamos em consideração a quantidade de pessoas negras presentes na sociedade brasileira como um todo.

Esses resultados reforçam o conteúdo desta pesquisa, demonstrando como a pouca representação negra nesses telejornais diminui as pretensões de estudantes e, inclusive, de outros jornalistas negros, pois não veem muito espaço para si, internalizando a ideia que não serão aceitos nesses espaços, considerados de referência na área do jornalismo. Como as figuras que representam seu reflexo no espelho moderno são poucas, acaba-se por acreditar nas ideias citadas na passagem anterior e que, para chegar lá, é preciso batalhar o dobro de uma pessoa de pele clara – realidade presente em diversas áreas, principalmente as mais prestigiadas socialmente. Portanto, aqui compreende-se que, na verdade, a televisão não é um espelho do real, como sugere o título da seção anterior, pois ela não reflete a realidade.

<sup>14</sup> Grifo realizado pela autora.

## 5.2 Sobre os profissionais negros

Nesta subseção será realizado um breve perfil de cada jornalista negro observado na coleta de dados expostos na subseção anterior, para fins de contextualização.

### 5.2.1 Ari Peixoto

Ari Peixoto trabalha na Globo desde 1987. Na sua trajetória dentro da emissora, já foi correspondente na Argentina e no Oriente Médio, tendo, neste último, realizado a cobertura das manifestações populares conhecidas como Primavera Árabe (MEMÓRIA GLOBO, 2013).

Figura 13 - Ari Peixoto



Fonte: Memória Globo (2011)

À primeira vista, a etnia do repórter pode ser questionável, mas após consultas a fotos antigas do jornalista, é possível constatar que o mesmo pode ser considerado negro.

**Figura 14** - Ari Peixoto na cobertura da segunda greve da CSN em Volta Redonda/RJ



Fonte: TV Globo (1988)

### *5.2.2 Zileide Silva*

Na Rede Globo desde 1997, Zileide Silva começou em Brasília na área de economia, e, logo depois, passou a fazer parte da cobertura política também. Foi correspondente em Nova York e acompanhou de perto os atentados de 11 de setembro. A jornalista teve participação fundamental também em coberturas de eleições presidenciais.

**Figura 15** - Zileide Sila



Fonte: Rede Globo (2011)

Em 2010, afirmou que era uma grande responsabilidade trabalhar na Globo, por ser a emissora de maior audiência no país: “você não pode errar e não pode ter uma tendência; isso te obriga a ficar o tempo inteiro com atenção” (MEMÓRIA GLOBO, *online*).

### 5.2.3 Maria Júlia Coutinho

Carinhosamente chamada de Maju, Maria Júlia Coutinho está na Globo desde 2007. No ano de 2014, a jornalista passou a apresentar a meteorologia do Jornal Nacional. “Acompanhando as mudanças de cenário e dinâmicas de gravação, “Maju” [...] ganha destaque no jornal e se torna a “queridinha” dos internautas” (GONÇALVES, 2017, p. 44).

**Figura 16 - Maria Júlia Coutinho**



Fonte: Zé Paulo Cardeal/TV Globo (2015)

Em julho de 2015, Maria Júlia Coutinho foi vítima de comentários racistas no Facebook, em uma publicação realizada na página do Jornal Nacional. O caso ganhou repercussão e em seguida foi respondido pela equipe do jornal, com uma espécie de campanha que utilizava a *hashtag* #SomosTodosMajuCoutinho.

**Figura 17 - Comentário racistas direcionados à Maria Júlia Coutinho**



Fonte: Gonçalves (2017)

#### 5.2.4 Cláudia Bomtempo

Repórter da Globo desde 1996, Cláudia Bomtempo é reconhecida por coberturas políticas, além de ter sido apresentadora do Bom Dia Brasil no estúdio de Brasília. A jornalista iniciou sua carreira na emissora.

**Figura 18 - Cláudia Bomtempo**



Fonte: Rede Globo (2017)

### 5.2.5 *Dulcineia Novaes*

Uma das mais conhecidas e prestigiadas jornalistas do Paraná, Dulcineia Novaes começou a trabalhar como repórter da Rede Paranaense de Comunicação, afiliada da Rede Globo, em 1981. Faz reportagens para o estado do Paraná e para jornais de nível nacional e também é professora. Sua representatividade na TV paranaense como mulher negra lhe rendeu prêmios como o Troféu Raça Negra de Jornalismo, em 2011.

**Figura 19** - Dulcinéia Novaes



Fonte: Portal Imprensa (2018)

### 5.2.6 *Rúbia Oliveira*

Rúbia Oliveira trabalha para a TV Anhanguera, em Goiás, fazendo reportagens para a cidade de Rio Verde. A jornalista também foi apresentadora do Jornal Anhanguera 1ª Edição em algumas ocasiões.

**Figura 20 - Rúbia de Oliveira**



Fonte: Rede Globo (2014)

### 5.2.7 Denise Soares

Jornalista na Rede Liberal, afiliada da Rede Globo no Pará, Denise Soares apresentou, algumas vezes, a previsão do tempo no Bom Dia Pará. Durante o período analisado, a repórter apresentou algumas matérias sobre o estado do Pará.

**Figura 21 - Denise Soares**



Fonte: Rede Liberal (2017)

### 5.2.8 Abel Neto

Contratado em 1998 pela TV Tribuna, afiliada da Globo em Santos (SP), em 2000 ganhou a oportunidade de entrar para a equipe fixa de profissionais da emissora, como repórter. Anos depois, o profissional foi promovido a apresentador, e



passou a cobrir a folga de colegas no comando do Globo Esporte SP. Abel fez várias coberturas esportivas além de cobrir o Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Portuguesa como setorista. Entre 2013 e 2018, foi o apresentador do quadro de esportes no Bom Dia São Paulo. Em 27 de abril de 2018, o jornalista deixou a Rede Globo e foi contratado pelo Fox Sports Brasil.

**Figura 22 - Abel Neto**



Fonte: Bob Paulino/Memória Globo (2015)

Abel Neto é vencedor dos prêmios Revelação do Jornalismo Esportivo, pela Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (Aceesp), em 1999; Marketing e Empreendedores, promovido pela revista Top of Business (SP), em 2008; e Prêmio Comunique-se Esportes Mídia Falada, em 2015.

#### *5.2.9 Fred Ferreira*

Começou na Rede Globo em 2008, como repórter do telejornal DFTV. Depois, começa a apresentar eventualmente os telejornais locais da emissora.

Em 2010, ele assumiu a apresentação do Bom Dia DF e ficou na função até 2013, quando foi voltou à reportagem local e de rede. Desde então, Fred participou de importantes coberturas como a prisão de envolvidos do Mensalão. O jornalista também denunciou no Jornal Nacional a troca de tubos de oxigênio por ar comprimido na UTI do Hospital Santa Maria, em Brasília.

**Figura 23 - Fred Ferreira**

Fonte: Página do Facebook de Fred Ferreira (2018)

Fred também entrevistou, com exclusividade para o Fantástico, Adriana Villela, a filha do ministro aposentado do TSE, acusada de matar o pai, a mãe e a empregada da família. No DFTV, mostrou – pela primeira vez – a venda irregular de boxes no Shopping Popular, que provocou a prisão de um dos envolvidos no esquema.

#### *5.2.10 Ana Paula Santos*

Começou a carreira na Rede Globo como estagiária, em 2003. Sua estreia na frente das câmeras foi no "Profissão Repórter", em 2007. Ana Paula Santos fez parte da primeira turma do programa, participou da estreia do mesmo e também fez a primeira viagem internacional para o Profissão Repórter. Hoje ela é jornalista na TV Globo do Rio de Janeiro.

**Figura 24 - Ana Paula Santos**



Fonte: Silveira (2011)

### *5.2.11 Hemerson Sodré*

Jornalista na Rede Liberal, afiliada da Rede Globo no Pará, Hemerson Sodré é repórter na cidade de Paragominas.

**Figura 25 - Hemerson Sodré**



Fonte: Rede Liberal (2017)

### 5.2.12 Bruno Grubertt

Jornalista na TV Globo Nordeste, em Recife (PE), Bruno Grubertt diz que tem “alma indígena”. O repórter produz diversas matérias para os jornais de âmbito nacional da Rede Globo.

**Figura 26 - Bruno Grubertt**



Fonte: Globo Nordeste (2017)

## 5.3 A bancada dos telejornais na história

Esta subseção destina-se a apresentar um panorama sobre os jornalistas que já passaram pela bancada dos telejornais analisados, a fim de observar quantos e quais jornalistas negros já passaram por elas. É importante ressaltar que o apresentador exerce um grande papel, principalmente no que refere à representatividade, pois é ele que “dá cara” ao telejornal, demonstrando o jornalismo através de sua aparência, de sua expressão facial e de sua entonação, tornando-se uma figura relevante e de referência.

### 5.3.1 Hora Um da Notícia

Telejornal novo que estreou em 2014, desde o início teve Monalisa Perrone no seu comando. Eventualmente é apresentado por Izabella Camargo, plantonista desde 2015, e por Michelle Barros, plantonista desde 2015.

Em ocasiões específicas, passaram pela apresentação do programa os jornalistas Flávia Freire, Flávia Alvarenga, Renata Capucci e Willian Waack.

Desde sua estreia, não contou com a participação de nenhum jornalista negro na apresentação.

### *5.3.2 Bom Dia Brasil*

No ar desde 1983, hoje o telejornal é apresentado por Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo. Carlos Monforte comandou a primeira edição do programa; um ano depois, a apresentação, o jornalista dividiu a bancada com Álvaro Pereira. Em 1989, Rodolfo Gamberini entrou na equipe de apresentadores do jornal.

Quando Monforte se tornou repórter especial do Jornal da Globo, em 1991, Antônio Augusto assumiu o seu lugar. Três anos depois, Antônio foi substituído por Luiz Carlos Braga, que, por sua vez, após um tempo, foi substituído por Renato Machado e Leilane Neubarth, com a participação de Chico Pinheiro de São Paulo e Carlos Monforte de Brasília. Em dezembro de 2002, Renata Vasconcellos assumiu o lugar de Leilane. Em outubro de 2013, Renata Vasconcellos deixou a bancada e Ana Paula Araújo passou a ficar no seu lugar.

O mais próximo que jornalistas negros ficaram da bancada do Bom Dia Brasil foram nos estúdios de outros estados, que integram parte da apresentação do programa. Cláudia Bomtempo, que assumiu os estúdios de Brasília no final da década de 90, e Zileide Silva, que assumiu o seu lugar em 2009, onde permaneceu até 2013.

### *5.3.3 Jornal Hoje*

Apresentado hoje por Sandra Annenberg e Dony de Nuccio, o Jornal Hoje já teve em sua bancada diversos apresentadores nos seus 46 anos. Léo Batista e Luís Jatobá comandaram a primeira edição, em 1971. Quatro anos mais tarde, Berto Filho e Márcia Mendes assumiram o posto. Após dois anos, Berto Filho foi substituído por Sônia Maria que, após seu falecimento, deu lugar à Leda Nagle.

Em 1981, Berto Filho voltou ao jornal, porém saiu após dois anos, sendo substituído por Pedro Bial, que por sua vez, tempos depois, foi substituído por

Marcos Hummel. Em 1989, Leda Nagle deu lugar à Márcia Peltier na bancada, e Marcos Hummel à Leila Cordeiro.

Em 1990 Valéria Monteiro assume a apresentação do programa, em dupla com Cláudia Cruz. Após a saída de Valéria Monteiro, em seu lugar, entrou William Bonner. Cláudia Cruz ficou ao lado de William na bancada por um mês e logo foi substituída por Cristina Ranzolin.

Em 1996, Bonner passou a dedicar-se ao Jornal Nacional e Cristina Ranzolin passou a apresentar o JH sozinha, até que em 1996, Fátima Bernardes tornou-se apresentadora e editora-chefe do jornal. Quase um ano depois, Mônica Waldvogel assume a bancada. Em 1998, Renata Vasconcellos ficou no comando por um mês, até passar o posto para Sandra Annenberg; em 1999, Carlos Nascimento juntou-se à bancada.

Após a saída de Sandra, Carla Vilhena estreou ao lado de Carlos, porém, em 2003, Sandra volta a fazer parte da apresentação do jornal. Em 2004 Evaristo Costa estreou no JH, porém, em 2017, decidiu rescindir seu contrato com a Rede Globo, sendo substituído por Dony De Nuccio.

Sobre os jornalistas negros, o Jornal Hoje conta com Zileide Silva e Maria Júlia Coutinho no rodízio de apresentadores plantonistas, totalizando nenhum apresentador negro fixo em sua história e duas eventuais.

#### *5.3.4 Jornal Nacional*

O telejornal entrou no ar em 1969 com a apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira. No ano seguinte, Hilton Gomes deu lugar a Sérgio Chapelin, que formou com Cid Moreira a dupla que mais tempo apresentou o telejornal.

Em 1983, Sérgio Chapelin é substituído por Celso Freitas. Em 1996, William Bonner e Lilian Wite Fibe assumem a bancada como parte do projeto de substituir locutores por jornalistas na apresentação dos telejornais da Globo.

Em 1998, Fátima Bernardes substitui Lilian Witte Fibe e forma a dupla que esteve no ar até 2011, com William Bonner. Após quase 14 anos, Fátima Bernardes deixou a bancada do telejornal para apresentar o programa de variedades Encontro com Fátima Bernardes, deixando seu posto para Patrícia Poeta. Em 2014, a jornalista anunciou que deixaria o jornal em favor de Renata Vasconcellos.

O Jornal Nacional nunca teve um apresentador negro fixo. O único que passou pela bancada, como plantonista, foi Heraldo Pereira, que atualmente apresenta o Jornal das 10, na GloboNews.

**Figura 27** - Heraldo Pereira na bancada do Jornal Nacional



Fonte: Rede Globo (2016)

### *5.3.5 Jornal da Globo*

O Jornal da Globo é exibido ininterruptamente desde 1982, porém, foi exibido por duas vezes antes desse período. O primeiro formato é de 1967 e teve como apresentadores Hilton Gomes e Luiz Jatobá. Ficou no ar até 1969, quando, em seu lugar, estreou o Jornal Nacional. Em 1979, reestreou, apresentado por Sérgio Chapelin, e foi exibido até 1981, quando em seu lugar entrou o Jornal Nacional 2ª edição, que ficou no ar até a reestreia do JG, em 1982.

Nesse período, o Jornal da Globo passou a ser apresentado por Renato Machado, Belisa Ribeiro e Luciana Villas Boas. Em 1983, o telejornal passou a ser apresentado por Eliakim Araujo e Liliana Rodrigues. No mesmo ano, Liliana Rodriguez foi substituída por Leilane Neubarth. Em 1986, Leila Cordeiro passou a ser o par de Eliakim Araújo na apresentação do jornal, permanecendo na bancada 1989, quando foi substituída por Fátima Bernardes. Quando Eliakim rescindiu o contrato com a TV Globo, William Bonner assumiu seu lugar.

Após um tempo, no lugar de Fátima Bernardes, Cristina Ranzolin assumiu a bancada do Jornal da Globo ao lado de William, por 15 dias, antes da chegada de

Lillian Witte Fibe. Em 1996, Lílian assumiu a apresentação do Jornal Nacional e Mônica Waldvogel assumiu seu posto.

Em 1997, a jornalista Sandra Annenberg estreou no Jornal da Globo, acumulando as funções de editora executiva e apresentadora. Após mudanças, ela deixou bancada, que foi assumida novamente por Lillian Witte Fibe.

Carlos Tramontina assumiu interinamente a função de apresentador do Jornal da Globo com a saída de Lillian, em 2000. Após um período de negociações, a emissora anunciou o nome de Ana Paula Padrão para a vaga de titular na ancoragem do telejornal. A jornalista permaneceu no posto até 2005. Com a sua saída, Chico Pinheiro ficou na bancada, temporariamente, até que William Waack e Christiane Pelajo assumem. Em 2015, Christiane sofreu um acidente e teve que ser afastada do jornal por tempo indeterminado. mas em julho do mesmo ano, retornou e permaneceu até outubro, quando deixou a bancada para se dedicar a um novo projeto. Ela não foi substituída e o telejornal passou a ser conduzido somente por William Waack.

Em novembro de 2017, devido ao caso de racismo que envolveu o William Waack como protagonista, o apresentador foi afastado por tempo indeterminado. Em dezembro, a emissora anuncia a rescisão do contrato de Waack e a efetivação de Renata Lo Prete.

No rodízio de apresentadores eventuais, a única negra presente é Zileide Silva, sem nenhum jornalista negro na bancada em toda a sua história.

#### **5.4 Para que jornalistas negros?**

O artigo “Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros”, de Acevedo e Trindade (2011) traz em seus resultados, após a análise dos telejornais das principais emissoras de TV de sinal aberto – Cultura, SBT, Globo, Record, RedeTV, Gazeta e Bandeirantes –, que o número de apresentadores negros é significativamente menor que o número de profissionais brancos. Os negros representariam o número de 6,15%, para 93,85% de brancos.

A pesquisa relaciona-se à Teoria da Cultivação de George Gerbner, que apresenta a ideia de que repetidas exposições, nos meios de comunicação, de representações sociais e modelos estéticos preteridos, podem resultar em sua



aceitação pela sociedade como sendo a expressão verdadeira da realidade (GREUNKE, 2000).

Assim, é possível compreender que essa diferença, entre os profissionais que aparecem em tela, é negativa no que se refere a construção de uma realidade e a aceitação do público; e também à autoestima e à identidade das demais etnias presentes na sociedade brasileira. “Percebe-se que o telejornalismo se mostra ideal para “a disseminação e reforço de determinados padrões estéticos à sociedade” (ACEVEDO; TRINDADE, 2011. p. 102).

Maria Júlia Coutinho, em entrevista ao blog Outro Canal, da Folha de S. Paulo, falou sobre a importância da representatividade negra na Rede Globo e fez um alerta: “é importante que venham outros [profissionais negros], só assim podemos falar que caminhamos para uma igualdade [...]; não pode demorar tanto tempo para ter outra Glória Maria, outro Heraldo Pereira” (MESQUITA, 2015, *online*).

Quando se assiste aos telejornais, a quantidade de jornalistas não negros é tão superior que nem parece que o Brasil é composto, em sua maioria, por negros. A composição étnica no jornalismo não expressa a realidade.

Portanto, a presença de negros no telejornalismo contribui em dois fatores: primeiro, no que se refere ao trabalho, dando oportunidades de trabalho aos jornalistas negros, não corroborando para a situação de desemprego deste grupo; bem como reforça a realidade, construindo socialmente a aceitação desse grupo, abrindo caminhos para a melhora nesse cenário e mostrando que a igualdade está sendo alcançada. “O telejornalismo é sinônimo de credibilidade para os indivíduos que o assistem” (GONÇALVES, 2017, p. 40).

Mas, mais do que isso: mostra que os jornalistas negros são profissionais competentes. Os (poucos) exemplos que temos demonstram isso. São jornalistas sérios, empenhados com suas funções e dispostos a trabalhar<sup>15</sup>.

É uma atitude importante socialmente, sobretudo quando nos referimos a uma emissora envolvida em dois casos (de grande repercussão) de racismo no meio jornalístico em três anos, sendo um deles relacionados a não aceitação de uma jornalista negra em tela. Esses casos revelam que o racismo está aí e precisa ser combatido efetivamente, e a televisão, principalmente a Rede Globo, emissora com maior audiência no país, tem seu papel nisso e os ingredientes para realizá-lo.

---

<sup>15</sup> Desmistificando o senso comum de que pessoas negras não gostam de trabalhar.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fonseca (2002) esclarece que a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a ser investigada, sendo um processo permanentemente inacabado. “Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real” (FONSECA, 2002, p. 20). Portanto, o objetivo desta pesquisa não foi de esgotar o tema, mas de trazer um olhar para as questões relacionadas à negritude e como ela se dá em relação ao telejornalismo, pensando em pesquisas futuras, mais amplas ou específicas e com outros vieses.

Porém, de nada é válido apresentar um problema sem que se tracem possíveis caminhos para solucioná-lo de forma gradual.

Conforme exposto no capítulo introdutório da presente pesquisa, o objetivo principal da investigação residia em averiguar quantos repórteres e apresentadores negros estão presentes no quadro de profissionais da Rede Globo, comparado ao número de jornalistas não negros, em um período preestabelecido.

Para a condução desta investigação, utilizou-se a técnica de coleta de dados contínua, bem como a análise das informações levantadas através da observação dos cinco telejornais de âmbito nacional da Rede Globo – Hora Um da Notícia, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo.

Entre os resultados da pesquisa, destaca-se o baixo número de jornalistas negros entre o quadro de profissionais repórter e apresentadores da emissora já citada; estes representam apenas 4,4% dos jornalistas que aparecem em tela nos 25 dias analisados durante esta pesquisa.

Sendo assim, considera-se que este panorama sinaliza o mito da democracia racial no Brasil, uma vez que as condições de vida da população negra são diferenciadas da população não negra – como evidenciado no capítulo histórico –, assim como, mesmo com a existência de profissionais negros, estes não conquistam espaços muito amplos no telejornalismo.

Já sabemos que o nosso reconhecimento se dá a partir do que nós vemos em nosso reflexo, no caso desta pesquisa, na televisão – espelho moderno. Portanto, temos delimitados duas situações:

- 1) Falta de acesso de profissionais negros ao telejornalismo, levando-os a seguir por outras áreas;

## 2) Falta de figuras inspiradoras e representativas no telejornalismo.

Stuart Hall (2008) sugere pensar nas representações midiáticas além da dicotomia. Ou seja, não devemos reduzir todas as tentativas da cultura da mídia como propostas falhas de reproduzir a diferença, mas buscar produções que se propõem a mostrar algum tipo de mudança nas representações tradicionais, imagens que possam reforçar positivamente a identidade dos grupos minoritários.

Portanto, a médio-curto prazo, um passo importante para melhorar o cenário atual é a inclusão de jornalistas negros nas emissoras, principalmente na Rede Globo, por ser a de maior audiência.

Além de promover a igualdade entre etnias no âmbito do trabalho, essa ação auxilia na aceitação da inclusão desses grupos nessa realidade, pois quanto mais aparecem em tela, mais normais são considerados a representação social e o modelo estético referido, exprimindo a realidade da sociedade (GREUNKE, 2000; RANGEL, 2004).

A longo prazo, no que se refere ao papel estatal nesta questão, é necessária atenção especial na promoção de educação, saúde e trabalho para a população negra, que carrega há 130 anos consequências negativas herdadas do período escravocrata, como menores salários, menor acesso à educação e trabalho, maior taxa de mortalidade, entre outros fatores. Assim, o abismo existente entre a realidade de grupos diferentes começa a diminuir, colocando-nos no caminho para a igualdade.

Não é uma “questão dos negros”. É uma questão de qualquer cidadão brasileira, ela diz respeito ao país, é uma questão nacional. Para crescer, o Brasil precisa potencializar seus talentos, e o preconceito é um forte empecilho para que isso aconteça. Vamos buscar soluções efetivas para transformar essa situação? (RAMOS, 2017, p. 13)

Ainda sobre o alcance do Estado, é preciso promover ações efetivas e engajadas que a) construam e reforcem a autoestima da população negra; b) promovam o respeito às etnias; c) acolham a população em situações de discriminação, principalmente no que se refere ao racismo institucional.

Quando se fala em “efetivas e engajadas”, a ideia é de ações que demonstrem resultados concretos, reconhecidos pela sociedade. Um possível exemplo seria a inclusão de ações, como as citadas, dentro da base curricular nas

escolas, com a devida orientação, organização, capacitação dos profissionais<sup>16</sup>, além de abordagens diferenciadas, como peças teatrais, filmes e outros elementos que fisguem o público participante, fazendo com que a temática do racismo seja assimilada e, assim, oportunizando possibilidades de transformação.

Desta forma, espera-se que a presente pesquisa auxilie em futuros estudos dentro desta temática e que, também, influencie e colabore para a mudança da realidade da população negra, principalmente em relação ao telejornalismo.

---

<sup>16</sup> O que só é possível se existe um engajamento na educação e nas estruturas em si.

## REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa. TRINDADE, Luiz Valério de Paula. Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros. **Alceu** - v. 11 - n.22 - p. 90 a 108 - jan./jun. 2011. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=34>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. 2ª ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

BALHEGO, Juliana de Melo. **Cabelo ruim?: a representação do cabelo crespo na publicidade brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Departamento de Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2009.

BRASIL. Decreto nº 1.695, de 15 de setembro de 1869. Proíbe as vendas de escravos debaixo de pregão e em exposição pública. **Coleção de Leis do Império do Brasil - 1869**, Página 129 Vol. 1 pt. I (Publicação Original). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1695-15-setembro-1869-552474-publicacaooriginal-69771-pl.html>>. Acesso em 17 jun. 2018.

CONTATO, Ana Carolina Felipe. **As transformações do telejornalismo brasileiro e a influência da ditadura militar na televisão nas décadas de 1960 e 1970**. GT 1- Mídia e Conflitos, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI. Londrina, 2014. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT1/AS%20TRANSFORMACOES%20DO%20TELEJORNALISMO.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

CORRÊA, Ricardo. Consciência Negra e o racismo à brasileira. **Carta Campinas**. Campinas, 2017. Disponível em: <<http://cartacampinas.com.br/2017/11/consciencia-negra-e-o-racismo-a-brasileira/>>. Acesso em 02 jun. 2018.

COUTINHO, Lúcia Loner. **Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira**. Dissertação (mestrado) – Programa de

Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

*Database: Timeline: **Number of Captives Embarked and Disembarked per Year.** Voyages: *The Trans-Atlantic Slave Trade Database.* Disponível em <http://slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em 22 abr. 2018.*

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016 [1944].

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.** (trad. Sérgio Milliet) São Paulo, Livraria Martins Editora, 1979

ELTIS, David. **A Brief Overview of the Trans-Atlantic Slave Trade.** *Voyages: The Trans-Atlantic Slave Trade Database.* Disponível em: <http://slavevoyages.org/assessment/essays#>>. Acesso em 22 abr. 2018.

ESTEVES, João Pissarra. **Os media e a questão da identidade.** Sob as leituras pós-modernas do fim do sujeito. Universidade de Lisboa. mar. 1999. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/pissarra-media-identidade.html>>. Acesso em 07 jun. 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GALINDO, Rogério. Câmara de Curitiba maraca a ferro escravos fugidos. **Gazeta do Povo.** Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/camara-de-curitiba-marcava-a-ferro-escravos-fugidos/>>. Acesso em 07 abr. 2018.

GARAEIS, Vitor Hugo. **História da Escravidão no Brasil.** 2012. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/?gclid=Cj0KCQjwx43ZBRCEARIsANzpzB-UQLk-9PNR-TSed9BP5QhG2scQQflpu2sw82WqENJenRFHh3OCot4aAvejEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/?gclid=Cj0KCQjwx43ZBRCEARIsANzpzB-UQLk-9PNR-TSed9BP5QhG2scQQflpu2sw82WqENJenRFHh3OCot4aAvejEALw_wcB)>. Acesso em: 18 abr. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas. 6. ed. 2008.

GILLIAM, Angela; GILLIAM, Onik'a. Negociando a Subjetividade de Mulata no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 525, jan. 1995. ISSN 1806-9584. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16471/15041>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

GLOBO INTERNACIONAL. Institucional. 2015. Disponível em <<http://globointernacional.globo.com/Asia/paginas/Institucional.aspx>>. Acesso em 01 maio 2018

GOLDBERG, Whoopi. **Whoopi Wants in on Star Trek | StarTalk**. 2016. (1m54s). National Geographic. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Cn0lp\\_hapcs](https://www.youtube.com/watch?v=Cn0lp_hapcs)>. Acesso em 07 maio 2018.

GONÇALVES, Marihá. **Negras! Somos Todas Maju**: um estudo sobre representação e racismo no jornal nacional. Porto Alegre: UFRGS, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Racism and its effects in Brazilian Society. Women's Conference of Human Rights and Mission*, Veneza, 1979.

GREUNKE, LeAnn. **The cultivation theory**. Colorado State University, 2000.

GURGEL, Argemiro Eloy. **Uma Lei Para Inglês Ver: A Trajetória da Lei de 7 de novembro de 1831**. Rio de Janeiro, 2011.

HAGEN, Sean. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. UFRGS: Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17740/000720518.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HOGERZEIL, S., & RICHARDSON, D. (2007). Slave Purchasing Strategies and Shipboard Mortality: Day-to-Day Evidence from the Dutch African Trade, 1751–1797. *The Journal of Economic History*, 67(1), 160-190. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-economic-history/article/slave-purchasing-strategies-and-shipboard-mortality-daytoday-evidence-from-the-dutch-african-trade-17511797/D82CEFED2DA445E5C2A0CF7FE96DC3DF>>. Acesso em 22 abr. 2018.

JORNAL DO SENADO. **Edição comemorativa dos 120 anos da Lei Áurea**. Brasília, 2009 – Ano XIV – Nº 2.801/172. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/arquivos\\_jornal/arquivosPdf/encarte\\_abolicao.pdf](http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/arquivos_jornal/arquivosPdf/encarte_abolicao.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

MARINGONI, Gilberto. O destino dos negros após a Abolição. **Revista IPEA Desafios do Desenvolvimento**. São Paulo, 2011. Ano 8. Edição 70. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23)>. Acesso em 15 jun. 2018.

MARQUES, Leonardo. ***The United States and the Transatlantic Slave Trade to the Americas, 1776 - 1867***. PhD dissertation. Emory University, 2013. Disponível em <<https://legacy-etd.library.emory.edu/view/record/pid/emory:f86rn>>. Acesso em 22 abr. 2018.

MARTINS, Andréia. Representação do negro na TV: antigos estereótipos e busca de contextos positivos. **UOL Vestibular**. 2015. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/representacao-do-negro-na-tv-antigos-estereotipos-e-busca-contextos-positivos.htm>>. Acesso em 02 abr. 2018.

MARTINS, NICOLE; HARRISON, KRISTEN. (2012). ***Racial and Gender Differences in the Relationship Between Children's Television Use and Self-Esteem: A Longitudinal Panel Study***. *Communication Research - COMMUN RES.* 39. 338-357. 10.1177/0093650211401376.

MEMÓRIA GLOBO. **Talentos**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/>>. Acesso em 10 jun. 21018

MEMÓRIA ROBERTO MARINHO. **TV Globo**. 2013. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo.htm>>. Acesso em 01 maio 2018.



MESQUITA, Lígia. “Tem que haver outros negros nesta função”, entrevista com Maria Júlia Coutinho. **Folha de S. Paulo**. Blog Outro Canal, 2015. Disponível em: <<https://outrocanal.blogfolha.uol.com.br/2015/05/16/tem-que-haver-outros-negros-nessa-funcao/?cmpid=facefolha>>. Acesso em 14 jun. 2018.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2006.

NABUCO, J. **O abolicionismo** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011. 161 p. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/cs454/pdf/nabuco-9788579820700.pdf>>. Acesso em 22 abr. 2018.

REDE GLOBO. **Globo celebra alcance de mais de 100 milhões de pessoas por dia**. 2017. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/globo-celebra-alcance-de-mais-de-100-milhoes-de-pessoas-por-dia.ghtml>. Acesso em 01 maio 2018.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PAGANINE, Joseana. Lei dos Sexagenários completa 130 anos. Senado Federal, Brasília, 2015. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/08/31/lei-dos-sexagenarios-completa-130-anos>>. Acesso em 01 abr. 2018.

PIGNATARI, D. **Signagem da Televisão**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 191p.

PORTAL IMPRENSA. **13ª edição do Troféu Mulher Imprensa**. São Paulo, 2018. Disponível em: <[http://www.portalimprensa.com.br/trofeumulherimprensa/13edicao/votacao\\_tele\\_reporter\\_telejornal.asp](http://www.portalimprensa.com.br/trofeumulherimprensa/13edicao/votacao_tele_reporter_telejornal.asp)>. Acesso em 11 jun. 2018.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SILVEIRA, Sergio Ricardo. **Moradores do bairro São Francisco protestam contra o trabalho da prefeitura de Queimados**. Queimado, 2011. Disponível em: <<http://www.revistaqueimados.com.br/2011/10/moradores-do-bairro-sao-francisco.html>>. Acesso em 14 jun. 2018

WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no brasil**. Brasília: Flacso Brasil, 2016. Disponível em: <[https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016\\_armas\\_web.pdf](https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf)>. Acesso em 03 maio 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.